

Campus Colorado do Oeste
Coordenação do Curso em Engenharia Agrônoma

ANA LUCIA CARDOSO MARTINS

**MULHERES NO PROCESSO DE EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA NAS CIÊNCIAS
AGRÁRIAS NO CONTEXTO RONDONIENSE**

COLORADO DO OESTE

2025

ANA LUCIA CARDOSO MARTINS

**MULHERES NO PROCESSO DE EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA NAS CIÊNCIAS
AGRÁRIAS NO CONTEXTO RONDONIENSE**

Artigo científico entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus* Colorado do Oeste como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Engenharia Agrônômica, sob a orientação do professor William Kennedy do Amaral Souza.

COLORADO DO OESTE

2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Martins, Ana Lucia Cardoso.

Mulheres no processo de existência e resistência nas ciências agrárias no contexto rondoniense / Ana Lucia Cardoso Martins. - Colorado do Oeste, 2025.

57 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. William Kennedy do Amaral Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Agrônômica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Colorado do Oeste, 2025.

1. Mulheres. 2. Agricultura. 3. Questões de gênero. 4. Preconceito. 5. Feminismo. I. Souza, William Kennedy do Amaral (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Juliana Machado da Silva Sasset, CRB-11/1140

FOLHA DE APROVAÇÃO


Monografia apresentada ao curso superior de Bacharel em Engenharia Agrônômica, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - *Campus* Colorado do Oeste, como parte das exigências para obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Autor: Ana Lucia Cardoso Martins


Orientador: William Kennedy do Amaral Souza

Situação: () Aprovado () Reprovado


Aprovado em: 27 /03 /2025

Documento assinado digitalmente
 WILLIAM KENNEDY DO AMARAL SOUZA
Data: 28/03/2025 10:01:16-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professor Doutor William Kennedy do Amaral Souza
(IFRO - *Campus* Vilhena) - Orientador

Documento assinado digitalmente
 AUREA DAYSE COSMO DA SILVA
Data: 28/03/2025 10:45:27-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professora Doutora Áurea Dayse Cosmo da Silva
(IFRO - *Campus* Vilhena) - Membro

Documento assinado digitalmente
 MONICA DO CARMO APOLINARIO DE OLIVEIRA
Data: 28/03/2025 10:09:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professora Doutora Mônica do Carmo Apolinário de Oliveira
(IFRO - *Campus* Ji-Paraná) - Membro

Dedico este trabalho a todas as mulheres que vieram antes de mim, as que estão percorrendo este caminho comigo e a todas que virão depois de nós. Para que vocês realizem todos os seus sonhos, assim como nós!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter colocado em meu coração este sonho, pois foi através dele que eu pude ter a sabedoria e paciência para chegar até aqui, independentemente dos obstáculos, que por final me tornou mais forte e corajosa.

Além de tudo sou grata aos meus pais Lucia Helena Cardoso Martins e Juraci Rodrigues Martins, por terem me dado a oportunidade de vivenciar esta etapa da minha vida, em especial minha mãe que é uma das minhas maiores inspirações para esse trabalho e para a escolha da minha profissão, pois foi indo para ela ao campo que eu aprendi a tomar gosto pela terra.

Não poderia deixar aqui também minha eterna gratidão ao meu querido orientador William Kennedy do Amaral Souza, que esteve junto comigo desde a escolha do título até o último ponto final. Que acompanhou todos os meus dilemas e incertezas fazendo que está escrita fosse leve e verdadeira.

Sobretudo, sou imensamente agradecida pela companhia do meu esposo Gabriel Fernando Mello que está ao meu lado desde a graduação. Sempre me apoiando e me dando força para continuar, inclusive quando eu tive dúvidas.

Ressalto minha gratidão aos bons amigos Ray William, Franciele Costa, Amanda Eloise, Edmilson Fabiciack, Joyce Cocato, Eduarda Cristina, Lorryni Cristhina, com vocês o caminho ficou mais leve, os dias ruins passaram mais rápido e a distância de casa, da família, ficou menor. A minha queridíssima terapeuta Glenda Cortez que me ajudou a entender a beleza da vida, não a palavras para poder definir o quanto você foi importante. Por fim, agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - *Campus* Colorado do Oeste, por ter me acolhido e ter me proporcionado cada momento, cada experiência com diversas pessoas, de diversos lugares, que hoje fazem parte da minha vida.

*“Pense o quanto é difícil mudar a si mesmo
e assim poderá entender o quão pequeno é
a chance de você mudar o outro.”*

Autor desconhecido.

RESUMO

Tendo em conta os fundamentos teórico-metodológicos do materialismo histórico e, portanto, da compreensão das bases materiais da cultura, a pesquisa evidencia a maneira como as mulheres atuam em áreas pertinentes à agricultura, seja dentro da Academia ou em espaços de produção física. Por conta disso, entendemos que é estritamente necessário discutir a relevância da atuação feminina no universo agrário. Destacando as dificuldades para entrar e se manter na academia e as dificuldades da vida laboral depois da Universidade. Para isso, o objetivo deste trabalho foi destacar o trabalho de seis mulheres, fortes e inspiradoras, dentre tantas outras mulheres que compõem o mercado de trabalho no âmbito das ciências agrárias, dentro e fora do campo no Estado de Rondônia. A justificativa deste estudo se insere na necessidade da reconstituição histórica da interrelação entre questões de gênero, modos de fazer ciência e oportunidades no mercado de trabalho, examinando o lugar das mulheres na Academia, na ciência e no mundo do trabalho. Pretendemos pensar também a construção da relação dialógica entre a Academia e o mercado de trabalho nas questões relacionadas ao sexismo e à paridade de gênero. Nesta pesquisa, o percurso metodológico foi feito a partir do levantamento e revisão bibliográfica sobre os seguintes conceitos e categorias: gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho, sexismo, feminismo, cultura, trabalho como princípio educativo, educação e sociabilidade. Os procedimentos de pesquisa foram observação das práticas cotidianas e entrevistas semiestruturadas. Entre outros, perguntamos-nos: Como foi a trajetória profissional? Você encontrou dificuldades por ter escolhido essa profissão? Sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher durante sua formação? Como é conciliar vida pessoal, familiar com o trabalho? Está realizada com seu trabalho? Como você percebe a inserção das mulheres no campo das ciências aqui em Rondônia? Você acha que existe desigualdade de gênero no campo das Ciências Agrárias? Você se considera uma cientista? Mesmo se, historicamente são colocadas à margem e não conseguem participar efetivamente das questões das quais deveriam participar, as mulheres reagem e se organizam em torno de uma pauta de reivindicações entre elas, a urgente necessidade de maior respeito e o reconhecimento do direito de decidir sobre suas vidas.

Palavras-chaves: mulheres; agricultura; questões de gênero; preconceito; feminismo.

ABSTRACT

Taking into account the theoretical and methodological foundations of historical materialism and, therefore, the understanding of the material bases of culture, the research highlights the way in which women act in areas related to agriculture, whether within the Academy or in spaces of physical production. Because of this, we understand that it is strictly necessary to discuss the relevance of women's performance in the agrarian universe, highlighting the difficulties of entering and remaining in academia and the difficulties of working life after university. To this end, the objective of this work was to highlight the work of six strong and inspiring women, among so many other women who make up the labor market in the field of agricultural sciences, inside and outside the field in the State of Rondônia. The justification for this study is inserted in the need for the historical reconstruction of the interrelationship between gender issues, ways of doing science and opportunities in the labor market, examining the place of women in the Academy, in science and in the world of work. We also intend to think about the construction of the dialogical relationship between the Academy and the labor market in issues related to sexism and gender parity. In this research, the methodological approach was based on a survey and bibliographic review of the following concepts and categories: gender, patriarchy, sexual division of labor, sexism, feminism, culture, work as an educational principle, education, and sociability. The research procedures were observation of daily practices and semi-structured interviews. Among other questions, we asked ourselves: What was your professional trajectory like? Did you encounter any difficulties because you chose this profession? Did you suffer any type of prejudice for being a woman during your training? How is it to balance your personal and family life with work? Are you fulfilled with your work? How do you perceive the inclusion of women in the field of science here in Rondônia? Do you think there is gender inequality in the field of Agricultural Sciences? Do you consider yourself a scientist? Even though they have historically been marginalized and have not been able to effectively participate in the issues in which they should participate, women react and organize themselves around an agenda of demands among themselves, the urgent need for greater respect and recognition of the right to decide about their lives.

Keywords: women; agriculture; gender issues; prejudice; feminism.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Metodologia.....	12
Um pouco mais das nossas entrevistadas.....	16
O que disseram essas mulheres, sobre a escolha da profissão.....	18
O que disseram essas mulheres, sobre a trajetória acadêmica com suas dificuldades e oportunidades.....	21
O que disseram essas mulheres, sobre o exercício profissional com suas dificuldades e oportunidades.....	28
O que disseram essas mulheres, sobre o exercício de cargos de direção e chefia....	32
O que disseram essas mulheres, sobre as mulheres e a ciência.....	36
Para continuar pensando.....	41
Referências.....	46

Introdução

No mundo rural, o trabalho no campo ou nos cursos voltados às ciências agrárias, ainda são vistos como destinados ao público masculino. Este fato se deve a ideia de que os serviços cotidianos desse espaço requerem força, são realizados sob o sol e são serviços perigosos. Como a sociedade brasileira sempre foi baseada no patriarcado, ficou subentendido no imaginário social que as mulheres não poderiam compor o mundo rural, salvo se estivessem em posições de subjuogo em relação aos homens.

Persiste, enraizado na sociedade brasileira, o estereótipo da fragilidade feminina e este é um obstáculo a ser vencido, pois as mulheres sofrem com as mesmas questões do passado por seus chefes e colegas, situação essa que desmotiva muitas mulheres. Muitas acabam desistindo de se engajarem na profissão ou de exercer um cargo específico da sua área, por medo de sofrerem agressão moral, verbal ou sexual, pelo simples fato de serem mulheres. Apesar disso, as mulheres estão conquistando seu espaço.

Sabemos que isso é passível de mudanças. Os avanços tecnológicos e científicos (e a necessidade imediata) possibilitaram inúmeras facilidades tornando o campo um lugar para todo mundo, visto que, a lida no campo não depende somente de força, mas sobretudo de conhecimento. A impressão que temos é que, desde então, as mulheres vêm ganhando espaço e tendo seus grandes feitos reconhecidos tanto no mundo rural quanto em outros espaços sociais.

Diz a história que foram as mulheres que descobriram a agricultura. Mas por muito tempo, elas foram coadjuvantes na área das ciências agrárias e biológicas. Segundo a reportagem “Presença de mulheres fortalece a área de ciências agrárias e biológicas”, publicada em 22 de outubro de 2019 no site da Universidade Federal de Passo Fundo (UPF), esse cenário vem mudando bastante nos últimos anos. Na Medicina Veterinária, por exemplo, dos 118 mil médicos-veterinários em atividade no País, 49% são mulheres. Segundo a reportagem, pesquisas apontam um aumento no número de mulheres em profissões das chamadas Ciências Agrárias. Como exemplo, na referida universidade, o índice de acadêmicas no curso de Agronomia já chega a 34%.

Quem se prepara para seguir em uma dessas profissões concorda que a pirâmide está invertendo. No mercado de trabalho, a percepção é a mesma da academia. Falando para o portal de notícias da UPF, a engenheira agrônoma Tainara Dal'Asta que atua na Cooperativa Tríticola Sarandi Ltda (Cotrisal), percebe que o espaço das mulheres crescendo cada vez mais. “Ainda existe o preconceito, mas pouco a pouco vamos

vencendo-o e conquistando nosso espaço”, pontua. Egressa da UPF, ela acredita que o papel da mulher na área das ciências agrárias e biológicas é de grande importância. Segundo ela:

“A mulher traz mais responsabilidade e credibilidade para o agro. Vem quebrando barreiras onde só predominavam os homens e mostrando do que é capaz. Acredito que juntas nós fortalecemos cada vez mais o agro e aumentamos nosso espaço”. (entrevista concedida à UPF, 2019).

Ainda na UPF, a acadêmica Ana Paula (do curso de Agronomia), diz que o curso prepara homens e mulheres de forma igualitária, com aulas teóricas e práticas sobre como lidar no campo. Diz ela:

Nós também aprendemos os trabalhos considerados ‘pesados’, como ‘pegar uma enxada’ e ‘cavar uma cova’, que são trabalhos historicamente reconhecidos como sendo masculinos, ainda que não sejam apenas os indivíduos do sexo masculino capazes de executá-los. Embora ao longo da minha trajetória eu tenha sido bem recebida nos espaços, nós sabemos que os pensamentos discriminatórios ainda existem, mesmo que indiretamente. Algumas vezes, quando vamos para o campo, há situações em que não dão credibilidade quanto a nosso conhecimento na área, o que é desestimulante. Mas eu acredito que nós mulheres, quando encontramos esse tipo de dificuldade, independente do ambiente, devemos tomar isso como estímulo, seguindo nossos propósitos e mostrando nossa capacidade, sendo excelentes profissionais (entrevista concedida à UPF, 2019).

Baseado em dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o “Jornal da USP” informa que apenas 30% dos cientistas do mundo são mulheres (USP, 2020). No Brasil, a participação das mulheres na ciência também é pequena. Fato paradoxal é que, no Brasil, o número de mulheres com bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado é superior aos homens. No entanto, em 2024 as mulheres representaram apenas 37% do total de bolsistas de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de acordo com dados do próprio órgão (CNPQ, 2024). Utilizando dados do CNPq, Oliveira et al (2021) informam que das 184.728 bolsas outorgadas entre 2010 e 2021, 64,7% foram para homens e 35,3% para mulheres.

Os números ilustram de forma expressiva a desigualdade de gênero na academia brasileira [...] As mulheres, embora sejam maioria nas instituições de ensino e pesquisa e publiquem papers tanto quanto os homens, ainda enfrentam muitas dificuldades para alcançar os níveis de maior prestígio da hierarquia científica no país.” (OLIVEIRA ET AL, 2021, p. 77).

Falando no contexto do mercado de trabalho, recentemente a Forbes Mulher (2023) divulgou dados em relação ao avanço feminino em detrimento das posições de liderança nos últimos anos. De acordo com o site, a participação das mulheres cresceu 11% nos cargos executivos entre 2015 à 2023, o que condiz com o crescente aumento observado nas universidades. Porém, ainda existe desigualdade, o chamado “degrau quebrado”,¹ isso sem citarmos a desigualdade salarial, que é outro fator a desestimular as mulheres a permanecerem na carreira.

Além disso, é comum vermos anúncios de vagas de emprego com a seguinte frase: “Preferência por homens”, o que não atrai as mulheres para se inscreverem na vaga. Ademais, a maioria das empresas não têm políticas de paridade de gênero dentro de cargos nas empresas, e segundo o portal CNN (2022) as mulheres são aproximadamente 52% da população nacional. Então, como é possível persistir o sexismo, a desigualdade salarial e a desvalorização das mulheres?

Esse padrão de “degrau quebrado” também é frequente na ciência. No caso das bolsas de Produtividade em Pesquisa, essa diferença tende a se intensificar nos níveis mais altos da hierarquia de bolsistas. No 1A, reservado a pesquisadores que demonstram excelência na produção científica e formação de recursos humanos, 73,7% eram homens e 26,3% mulheres. No sênior, que contempla cientistas líderes em suas áreas e que foram bolsistas 1A e 1B por pelo menos 15 anos, 88,8% eram homens e 11,2% mulheres.

Em uma simples busca na internet, vemos que na Universidade Estadual de Goiás (UEG), as mulheres representam 42% do total de pesquisadores. Atualmente, o número de projetos de pesquisa em execução na Universidade é de 543, sendo que desses, 226 são de docentes mulheres. Na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) as mulheres correspondem a 43% do quadro técnico administrativo da universidade e 46% do número de docentes (UFRA, 2022). Ainda falando da UFRA, a professora Ruth Almeida afirma que:

Atualmente 80% dos alunos de medicina veterinária são mulheres. Ainda assim, o contexto das ciências agrárias é quase exclusivamente masculino. Ainda passamos por muito preconceito de gênero, o mercado ainda seleciona trabalhadores homens, e há desrespeito em relação ao conhecimento técnico, que costuma ser questionado. E tudo isso afeta as mulheres de forma diferente, dependendo se são jovens, negras, indígenas.

¹ Neste sentido, o degrau quebrado é o nome dado aos desafios que impedem a ascensão das mulheres em postos de alto comando. Na prática, uma mulher precisa subir uma escada enorme e, quando está próximo ao topo dela, ou seja, de ascender a um cargo de liderança sênior, tem um degrau quebrado ou perigoso a ser pisado.

Ainda falando de mulheres e Ciências Agrárias, há um outro problema que é o fato de que, normalmente, os projetos de pesquisa e os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) são voltados aos assuntos pertinentes aos cultivos agrônômicos, como soja, milho, algodão, café, citros e etc, deixando de lado as questões sociais, de modo que não há (ou são poucas e falhas) as discussões em relação ao modo como as mulheres são tratadas durante a graduação, no estágio e principalmente após formadas.

Por conta disso, entendemos que é estritamente necessário discutir a relevância da atuação feminina no universo agrário. Destacando as dificuldades para entrar e se manter na academia e a vida laboral depois da Universidade. Para isso, o objetivo deste trabalho foi analisar a trajetória, o trabalho desenvolvido e as lutas enfrentadas por seis mulheres, fortes e inspiradoras, dentre tantas outras mulheres que compõem o mercado de trabalho no âmbito das ciências agrárias, dentro e fora do campo no Estado de Rondônia.

Importante ressaltar que embora o curso de bacharelado em Engenharia Agrônômica do campus Colorado do Oeste exista desde 2011 e que, segundo o Projeto Pedagógico do Curso “ele objetiva a formação humanística e técnico-científica...”, nos parece que a formação humanística é deixada de lado, já que este será o primeiro trabalho de conclusão neste curso, a falar das relações sociais que envolvem a formação e o trabalho de mulheres na Engenharia Agrônômica.

Metodologia

Este trabalho foi idealizado a partir de um projeto de pesquisa de iniciação científica. Enquanto estudante de Engenharia Agrônômica sempre me incomodou o trato diferenciado entre homens e mulheres na formação do curso, com os homens tendo maiores privilégios durante a formação. Enquanto mulher camponesa, que vem de uma família onde a igualdade entre homens e mulheres é algo central, e que estimula o protagonismo feminino, não poderia deixar de me incomodar com o cenário que até agora foi descrito. Enquanto jovem cidadã militante que tem a Marcha das Margaridas² como

² Marcha das Margaridas é uma manifestação de mulheres trabalhadoras rurais de todo o Brasil, em prol de direitos sociais e contra a violência contra as mulheres do campo e da floresta. O evento tem-se realizado a cada quatro anos, desde 2000, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A ação é organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e acontece sempre em agosto, em memória da trabalhadora rural e líder sindical Margarida Maria Alves, assassinada em 12 de agosto de 1983 por defender os direitos de trabalhadores rurais da Paraíba.

algo central para a disputa por uma sociedade melhor, eu senti a necessidade de discutir essa problemática.

A justificativa deste estudo se insere na necessidade da reconstituição histórica da interrelação entre questões de gênero, modos de fazer ciência e oportunidades no mercado de trabalho, examinando o lugar das mulheres na Academia, na ciência e no mundo do trabalho. Pretendemos pensar também a construção da relação dialógica entre a Academia e o mercado de trabalho nas questões relacionadas ao sexismo e à paridade de gênero.

Nesta pesquisa, o percurso metodológico foi feito a partir do levantamento e revisão bibliográfica sobre os seguintes conceitos e categorias: gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho, sexismo, feminismo³, cultura, trabalho como princípio educativo, educação e sociabilidade.

Nesse sentido, a análise que faremos sobre esses conceitos e categorias estará baseada nos pressupostos formulados por Thompson (1981), por entendermos que a categoria “experiência”, desenvolvida pelo autor, permite-nos apreender o sentido da cultura produzida no/pelo trabalho. E isso é importante para compreendermos o processo de construção das relações e de gênero e então entendermos com mais profundidade as falas de nossas entrevistadas.

Com a categoria totalidade, intentamos compreender como o objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que se manifesta, é a manifestação das relações sociais mais amplas e presentes na atual conjuntura social das relações produtivas. Já que a produção do conhecimento passa pelo entendimento da totalidade em que o objeto de pesquisa se insere. Sobre isso, Ciavatta nos ensina que “no sentido marxiano, a totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto e suas múltiplas relações, ou ainda, um todo estruturado que se desenvolve e se cria como produção social do homem” (CIAVATTA, 2014. p. 195). A categoria práxis nos auxilia mostrando que o conhecimento será produzido a partir do permanente e sempre crescente movimento do pensamento que vai do abstrato ao concreto pela mediação do empírico.

³ Em relação ao feminismo, estamos concordando com Emma Siliprandi que entende o feminismo é o reconhecimento de que a realidade social se estrutura através de um sistema sexo-gênero, cuja expressão visível é a dominação das mulheres pelos homens. Segundo ela, tal realidade não é apenas uma construção sócio-histórica; é também uma ordem simbólica, através da qual se interpretam as diferenças anatômicas entre os sexos. Esse sistema é o patriarcado, que toma diferentes formas conforme os períodos históricos vividos. O feminismo parte da constatação, portanto, de que os sistemas sexo-gênero conhecidos – os sistemas patriarcais – estruturam as relações hierárquicas entre os homens e as mulheres no seu conjunto (SILIPRANDI, 2015).

Para a análise teremos como base o materialismo histórico. Por ser um referencial capaz de construir a crítica sobre o modo de produção capitalista, o materialismo histórico apresenta-se como essencial para a mudança social que almejamos realizar em nossos dias, já que, segundo Frigotto (1991), o que fundamentalmente importa para o materialismo histórico é a produção de um conhecimento crítico que altere e transforme a realidade anterior, tanto no plano do conhecimento como no plano histórico social, de modo que a reflexão teórica se dê em função de uma ação para transformar a realidade e transformar os seres humanos nessa atividade. Enfim, o materialismo histórico entende que o método se constitui muito mais como uma concepção de realidade que mediará o processo de apreensão do conhecimento, do que uma simples ferramenta para medir ou observar os fenômenos sociais.

Metodologicamente, a investigação configura-se como qualitativa e explicativa, em que procuramos articular teoria e empiria a fim de se chegar à essência da problemática observada. Como indicou Thompson (1981, p. 49), precisamos de um “diálogo entre o conceito e a evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro”.

Ainda falando do tipo da pesquisa, segundo Triviños (1987, p.117), há duas vertentes na pesquisa qualitativa:

- o enfoque subjetivista-compreensivista, com base sobretudo nos conceitos formulados por Weber, Dilthey, Heidegger e Husserl, dão ênfase aos aspectos subjetivos dos atores e, portanto, a importância está na compreensão dos processos contextuais.

- O enfoque crítico-participativo, com visão histórico-estrutural, que tem como sustentação os conceitos formulados por Marx, Engels, Gramsci, Adorno e Habermas e parte da necessidade de conhecer a realidade social para a transformação dos processos contextuais. É com essa segunda vertente que a pesquisa dialoga.

A pesquisa é explicativa porque a preocupação principal foi identificar e analisar fatores que contribuem para a ocorrência de determinado fenômeno. No caso, o fenômeno é a continuidade do sexismo no mundo rural. A pesquisa indicou que o sexismo ainda persiste para aquelas que foram e se mantêm na Academia, para aquelas que foram à Academia e hoje atuam fora e para aquelas que não foram à Academia.

A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas 6 mulheres de diferentes esferas no âmbito das ciências agrárias, sendo elas:

- Stella Cristina Gonçalves Matoso, atua como docente no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Colorado do Oeste⁴.
- Dany Roberta Marques Caldeira, também é docente no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Colorado do Oeste.
- Poliana Perrut de Lima, produtora e viveirista.
- Sandra Rita Bartnik Quaresma, também é produtora e viveirista.
- Maria Fátima de Freitas Oliveira, camponesa.
- Ana Isabel de Magalhães Santana, também é camponesa.

Para termos uma diversidade de opiniões, escolhemos ter em nosso trabalho, essa “polifonia de vozes”. Entendemos que essa “mistura” é interessante para percebermos as nuances da luta feminina no mundo rural, a partir de ambientes diversos. Por isso, das seis entrevistadas, duas são docentes do Instituto Federal de Rondônia IFRO - *campus* Colorado do Oeste, duas são viveiristas, formadas em agronomia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e duas são agricultoras agroecológicas.

Após termos definido quais seriam as entrevistadas, montamos o roteiro da entrevista dando ênfase ao fato da diferenciação no trato entre homens e mulheres no mundo rural. O roteiro foi baseado nos seguintes tópicos:

- Escolha da profissão;
- Trajetória acadêmica: dificuldades e oportunidades;
- Como conciliar trabalho e estudo;
- Exercício profissional: dificuldades e oportunidades;
- O exercício de cargos de direção e chefia; e
- Mulheres e ciência.

Enviamos os convites via e-mail e WhatsApp. Assim que recebemos a resposta de confirmação, marcamos o dia e a hora que ficaria mais confortável para realizarmos as entrevistas. A princípio, o intuito era de realizar todas as entrevistas pessoalmente. Infelizmente o cotidiano corrido e as distâncias entre entrevistadas e entrevistadora, impediram tal fato. Definimos então que as entrevistas seriam pela plataforma *google meet*, e apenas uma entrevista foi realizada pessoalmente.

⁴ Durante o processo de entrevistas, a professora Stella trabalhava no campus de Colorado do Oeste. Atualmente ela trabalha no campus de Ji-Paraná.

Um pouco mais das nossas entrevistadas

Stella Cristina Gonçalves Matoso, graduada em Engenharia Agrônômica (2004- 2009) na Universidade Federal de Rondônia. Em 2012 concluiu o mestrado em Produção Vegetal pela Universidade Federal do Acre. Em 2018 se tornou doutora em Biodiversidade e Biotecnologia na Rede Bionorte.

No decorrer de seus estudos de doutoramento realizou dois intercâmbios: um no Programa de Pós-graduação em Ciência dos Solos, na Universidade Federal de Pernambuco, e outro no laboratório de Edafologia e Química Agrícola da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Desde 2010 é docente no IFRO.

Dany Roberta Marques Caldeira, é mãe de Ana Luiza que tem 15 anos e companheira Alberto Caldeira. É graduada em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Mato Grosso, mestre em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e doutora em Ciência Florestal pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Também fez especialização em Gestão Florestal pela Universidade Federal do Paraná

Realizou intercâmbio em Montpellier, França (2018) no Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento (CIRAD), na Unidade de Pesquisa EcoSols. Participou do Programa de Formação: Educadores do Século 21 em TAMK, na Finlândia. Desde 2010 é docente no IFRO.

Poliana Perrut de Lima, produtora e viveirista da cultura do café, é Engenheira Agrônoma graduada na Universidade Federal de Rondônia (2011) e tem mestrado em Ciências Agrárias (2014), no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

É reconhecida como uma das pioneiras na produção de cafés Robusta Amazônico. É uma expressiva liderança do Movimento de Mulheres do Café em Rondônia. Em 2024, foi homenageada na 5ª edição do Troféu Mulheres Inspiração da Cafeicultura do Brasil. Poliana é uma lutadora da agricultura familiar e da produção sustentável na Amazônia, tanto que após alguns anos de trabalho árduo, em 1º de junho 2023, o café de Rondônia conseguiu a concessão de Indicação Geográfica - IG na Denominação de Origem, Matas de Rondônia, considerada uma das maiores conquistas para os/as cafeicultores(as) de Rondônia.

Sandra Rita Bartnik Quaresma, é mãe da pequena Lorena Bartnik Quaresma e companheira de João Paulo Souza Quaresma. É produtora e viveirista da cultura do cacau, Engenheira Agrônoma formada pela Universidade Federal de Rondônia.

Em 2022 a Revista Agro Rondônia publicou uma matéria cujo título é “Desenvolvimento da cacauicultura em Rondônia é protagonizado por mulheres empreendedoras”, colocando em destaque o trabalho de Sandra Rita. De acordo com a matéria, o desenvolvimento da cacauicultura é promovido pela liderança forte e dedicada das mulheres.

Sandra se destaca por sua história. Em sua trajetória, Sandra buscava um propósito, um objetivo que a fizesse feliz por completo, e foi na cultura do cacau que ela encontrou a sua essência, trazendo aos produtores visibilidade de amêndoas, mudas de qualidade e métodos de processamento mais eficientes em busca de qualidade.

Maria Fátima de Freitas Oliveira, é uma pessoa simples, camponesa, mãe de dois filhos, companheira do Senhor Antônio Custódio. Há 30 anos, dona Fátima e seu companheiro resolveram sair do Paraná, rumo a Rondônia, com o desejo de mudança. E com a mudança de Estado, veio as transformações pessoais, o novo modo de trabalho e os filhos. O desejo de sair do modo de trabalho convencional fez com que eles partissem para a agroecologia.

A princípio a família morou nos municípios de Ouro Preto e depois Mirante da Serra. Porém, foi no município de Cacoal, na linha União, lote 84, gleba 4, setor Prosperidade que eles efetivaram uma produção agroecológica que é bem comercializada. Além disso há um envolvimento militante com a comunidade local.

Ana Isabel de Magalhães Santana, é essencialmente camponesa, sendo a sétima filha dentre oito irmãos. Foi criada no campo e por esse motivo se identifica até hoje com suas origens. Ana é mãe de dois meninos e uma menina, Fred, Camilo e Olga, companheira de Leôncio.

Em sua trajetória profissional e pessoal, Ana sempre buscou se envolver com questões relacionadas ao mundo agrário. Desde muito cedo decidiu participar dos movimentos sociais como o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) já que, sua vida no campo, a levava a se identificar com a luta desses movimentos. Ela diz:

Do espaço onde eu estava, eu fui me identificando com a vida no campo, com o fato de ser camponesa, né! E depois de eu me tornei adulta só afirmei que era de fato o que eu queria. Eu nunca sonhei, nunca almejei, nunca pensei em buscar uma outra profissão na vida que não fosse seguir o campo. Então é uma questão de vida, de modo de viver onde eu sempre me encontrei.

O que disseram essas mulheres, sobre a escolha da profissão⁵

Dany Roberta, docente no IFRO:

Na verdade, eu tive o apoio do meu pai! Os nossos pais nos conhecem muito bem, talvez em alguns momentos penso que até mais do que a gente, o meu pai ouviu falar sobre engenharia Florestal no jornal. É uma profissão muito pouco conhecida, principalmente de onde eu venho, do interior de São Paulo.

Daí ele me apresentou e disse que achava que tinha tudo a ver comigo. Eu sempre gostei de biologia, gosto da área de exatas também. E fui ler. Busquei as informações e realmente eu achei que eu poderia gostar do curso.

Stella Cristina, docente no IFRO:

Pelo fato de que morava em Rolim de Moura, RO, só tinha agronomia e pedagogia de opção de curso e o meu raciocínio era o seguinte, eu não quero ser professor, então não vou fazer pedagogia. Aí eu fiz agronomia, meu pai ficou supercontente porque ele tinha propriedade na época e apoiou.

No primeiro momento, não foi por afinidade. Era o que tinha, então fui descartando o curso que era a minha vontade, isso eu tinha 15 anos, quando eu tomei essas decisões muito nova. Apesar de não ser o curso que eu desejava, ter bom domínio da área de linguagens, acabei tendo muito mais facilidade, e dentro da faculdade, na escrita e etc. E isso foi uma coisa que eu sempre gostei muito.

Aí eu me identifiquei com o curso e nunca pensei em fazer outra coisa. Sempre fui crescendo nessa área, mestrado, doutorado.

Poliana, viveirista:

Eu sempre vivi no meio rural, meus pais são produtores rurais, na minha adolescência, tinha o papel do técnico muito presente na produção rural. Naquela época, meus pais eram assistidos e nós tivemos uma evolução muito boa.

Meu pai trabalhava com pecuária leiteira, então ele conseguiu evoluir muito. Ter produtividade e qualidade genética, muitas coisas a gente aprendeu com assistência técnica. Então, assim, o técnico que nos atendia na época era para mim como se fosse da família. Eu sentia orgulho de ser atendida, e do meu pai, fazer parte de um grupo. Eu sempre gostei muito do meio rural, da produção rural, da pecuária e quando foi para decidir o curso que eu faria, eu não conseguia me identificar com mais nada. Eu não conseguia enxergar um futuro para mim fora daquilo.

Então eu precisava de um futuro, precisava de um futuro acadêmico, precisava de uma graduação, mas queria permanecer com o que eu tinha

⁵ Sabemos que estamos fugindo um pouco do modelo habitual de se escrever e apresentar uma monografia, já que as respostas das entrevistadas são longas para o padrão normal de citação direta. No entanto, acreditamos que seja extremamente pertinente que essas falas apareçam inteiramente, sem cortes. Por isso insistimos nesse modelo um tanto fora do comum.

Sandra Rita, viveirista:

no sangue, que era produção rural. E aí? Por isso, dentre os cursos que eu tinha, a opção de fazer é escolher, escolhi agronomia. Meu pai ficou bem feliz. Assim com a escolha um pouco temeroso, mas ficou bem feliz. Mas a minha família toda me apoiou muito nisso, nessa escolha, e foi por isso mesmo, por essa veia que eu tinha no campo, pelas experiências da assistência técnica que tinha chegado até a nossa propriedade que foram experiências de muito sucesso, para mim, foi esse contacto que me fez tomar essa decisão, mesmo pra ir pra faculdade fazer agronomia.

Ana, eu me formei em 2007 então realmente naquela época a gente não tinha muitas portas abertas, muitas oportunidades. E minha escolha foi aleatória. Eu escolhi agronomia sem saber tudo o que me esperava no curso, e era o primeiro ano de agronomia da UNIR, primeira turma. E ainda saía pra fazer o curso e meu pai falava, você tem certeza? Hurum. No passado a gente entrava na faculdade através do vestibular, então fui até o correio fazer inscrição, não era digital, muito menos via internet, íamos lá, e tinha um manual do candidato. Cê preenchia no balcão, e a menina que me atendeu me falou assim: “Ah, abriu Medicina em Porto Velho e Agronomia em Rolim de Moura. Olha que nome bonito, Agronomia. Por que você não faz?” Aí eu fiquei pensativa, eu não sabia o que era, não tinha ligação com a terra, morava na cidade de Alta Floresta totalmente urbana.

Aí eu fiz a inscrição, olha que loucura fiz a inscrição e nisso uma pessoa que eu conhecia do grupo de jovens da Igreja Católica me apresentou para um tio que foi dar um curso da Comissão Pastoral da Terra (CPT) sobre Produção Orgânica, o que são produtos orgânicos, agricultura orgânica e eu fui nesse curso, pois eles me chamaram pra participar. Aí, depois de ter feito a inscrição, antes do vestibular, eu fui entender o que era agronomia e esse foi o meu primeiro contato antes de começar.

Eu fui fazer, entrei e fiquei muito ansiosa querendo entender, querendo saber e deu certo! Podia não ter dado. Se tivesse escolhido Medicina, teria passado, mas nossa, hoje eu sou muito feliz por não ter escolhido medicina, por ter escolhido a Agronomia.

Maria Fátima, camponesa:

Eu tenho um ensino fundamental incompleto porque eu só fiz a quarta série lá no Paraná, e naquela época só estudava os meninos, as meninas ficavam em casa, e os irmãos conseguiam terminar o ensino fundamental completo. Depois eu me casei, vim pra Rondônia, e então surgiu aquelas escolas com ensino do Pró-Campo. Que era oportunidade pra quem não teve a oportunidade de estudar aí mesmo assim pra quem morava na roça, e no sítio de estudar. E então Aí eu aproveitei para retornar para a escola, na época eu tinha trinta e quatro anos, meu filho já ia fazer 7 anos e estava na alfabetização, minha filha tinha seis e quase completei o ensino fundamental.

Porém durante este retorno, eu comecei também uma outra trajetória de outro tipo de educação. Comecei aprender uma educação mais social, para trabalhar com redes sociais diferentes, aprender onde estão eles e toda essa educação para vida que eu na verdade eu vivia, e que a escola não supria as minhas necessidades. Que eu tinha dentro de mim uma

mulher camponesa com uma vida social camponesa e de uma mulher diferente que eu queria ser diferente pra minha vida.

Ana Isabel, camponesa:

Na verdade, Ana, eu e toda a minha família é camponesa, essencialmente camponesa. Eu sou a sétima filha de uma família de oito filhos, fui criada no campo, e por isso eu fui criando a minha identidade enquanto camponesa. Eu nasci, cresci, fui ensinada ali, tive o acesso à leitura dentro do meu território, no espaço onde eu estava eu fui me identificando com a vida no campo com o fato de ser camponesa. E depois que eu me tornei adulta eu só reafirmei que era de fato isso que eu queria, pois nunca sonhei, nunca almejei, nunca pensei em buscar uma outra profissão na vida que não fosse seguir sendo né? Então é uma questão de vida, de modo e de viver onde eu sempre me encontrei.

Algo marcante e em comum entre as protagonistas e suas trajetórias para a escolha profissional é a influência direta por parte dos familiares. O que mostra como um ambiente familiar acolhedor e motivador pode influenciar positivamente o âmbito profissional. Porém isso nos faz refletir se este cenário é igual para tantas outras mulheres do nosso estado ou país. No congresso do Museu Pedagógico de 2022 realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em Vitória da Conquista, tive a oportunidade de conhecer o campus e principalmente o departamento de Agronomia. Também pude conhecer algumas estudantes, entre elas a discente Daiane Vieira. Durante a conversa, falei sobre o meu tema de pesquisa e ela me disse que era um assunto de muito valor, pois é pouco falado.

“Aqui na Bahia muitas meninas desistem de fazer agronomia, por falta de incentivo da família, principalmente por parte dos pais, porque acham que é um curso destinado aos meninos”.

Outro ponto marcante é como as vivências no meio rural, em algum momento da formação social refletiram na decisão. Poliana relata como foi agregador experienciar o contato dela e da família com um profissional da área através da extensão rural a campo, que em muitos casos acompanha famílias, por meses ou até mesmo por 1, 2 anos e até 3 anos. O que mostra a importância de profissionais capacitados e eu não digo só na parte técnica, mas também nas questões de convivência humana, que acolhem a família como um completo, a assistência técnica pode motivar crianças, jovens e adultos a buscarem conhecimento e qualidade de vida.

Figura 1: nuvem de palavras sobre o tema escolha da profissão.



O que disseram essas mulheres, sobre a trajetória acadêmica com suas dificuldades e oportunidades.

Dany Roberta, docente no IFRO:

Bom, a primeira dificuldade foi ainda realizando o curso, porque nós apenas menos que 25% da turma era mulher. O restante eram homens, então era um curso, essencialmente masculino e digo essencialmente mesmo, porque desde a primeira turma no Brasil, a maior parte sempre foi de homens. Na primeira turma, acho que tinha apenas uma mulher e depois, com o passar do tempo, foram aparecendo mulheres. E tínhamos muita atividade de campo.

“A gente sabe que tem algumas coisas que são mais fáceis para um homem fazer, uma questão natural, fisiológica. Dentre as diferenças, homem, mulher e durante a formação, eu percebi que precisei me antecipar porque engravidei durante a graduação, então é muito atípico, né? E as dificuldades começam aí, porque um filho ou uma filha, quem vai cuidar? majoritariamente é a mulher!”

Meu marido veio para Rondônia, eu ainda fazia faculdade, fiquei com a minha filha sozinha e eu precisava terminar. O curso era integral e um grande problema é que a gente não tem apoio na universidade para ajudar a cuidar da criança. Então ela ficava em uma creche. E em várias vezes durante o dia eu ia amamentar, fiquei bem magrinha na época, passava o dia na faculdade com essa rotina.

Stella Cristina, docente no IFRO:

Durante a trajetória acadêmica não sei dizer se passei por episódios de preconceito, porque não sei se era consciente sobre o tema. Na verdade, eu fui criar essa consciência depois que eu entrei no IFRO e comecei a me relacionar com pessoas de outras áreas.

Porque no IFRO a gente não tem muita separação por departamento, né? Então a gente acaba trabalhando igualmente com William (seu orientador) com o professor Mauro, então assim, pessoas de áreas diferentes das humanas, sociais e aí comecei a ler outras coisas e ver

outras coisas. Aí que eu fui me dar conta de que eu estava num ambiente terrível.

Na graduação, não tinha muito essa consciência, porque assim a gente viu na internet? A educação é machista porque a sociedade era machista, então isso foi reproduzido para minha educação. Entrei na agronomia, um ambiente totalmente dominado por homens e no corpo de bombeiros, outro ambiente dominado por homens. Então assim, eu só fui me dar conta das coisas que eu passei, depois que nossa “como eu sobrevivi a isso”.

Poliana, viveirista:

Provavelmente eu deva ter passado por várias situações que eu não percebi. Porém eu gosto tanto da área, tanto do meio, que algumas situações que eu tenho vivenciado depois, muito tempo depois, falando para outras mulheres, eu percebi que aquela situação talvez seria, preconceito. Naquele momento não percebi, pois eu estava tão focada que não percebi. E se eu não percebi, então não me machucou.


Então, hoje, olhando para o passado, eu digo que em vários momentos eu tive que provar muito mais, assim, sabe muito mais, capacidade, muito mais competência. Em vários momentos da vida eu tive que me provar muito mais. Em relação a outras pessoas, então hoje, analisando o passado assim, eu vejo que sim, tive algumas dificuldades, mas que o meu foco naquele momento era tão grande que naquele momento eu não percebi e isso me ajudou bastante a continuar.

Sandra Rita, viveirista:

Ao sair da faculdade nós temos muito ainda a crescer, por isso você tem que explorar todas as possibilidades. E na nossa época nós tínhamos as mesmas dificuldades de vocês hoje, que é entender aonde nós vamos nos colocar quando sair. Muitos partiram pro mestrado, doutorado direto, saindo de uma cadeira para outra na academia, porque tinham essa dificuldade, não se viam trabalhando e é natural. Não é um processo fácil.

É dentro do universo da faculdade que a gente começa a descobrir as possibilidades. A agronomia é tão ampla, você pode trabalhar com tantas coisas que chegamos a ficar meio tontos de pensar nas possibilidades que temos, então você pode olhar de pequenas a grandes culturas, desde a pequena propriedade ao grande produtor, orgânico, agroecológico ou tradicional, até outras formas como crédito de carbono e paisagismo.

Sabe-se que estruturalmente no Brasil a desigualdade de gênero é evidente em vários âmbitos sociais, e no ambiente de trabalho isso fica ainda mais visível. Especialmente nos cursos de ciências agrárias, o preconceito é ainda maior. Porém nos últimos anos esse padrão vem sendo quebrado, pois as mulheres estão adentrando os cursos da área, se formando e ocupando lugares que antes eram quase que exclusividade masculina. Analisando o recorte temporal entre 2018 e 2022, Souza e Cardoso Martins

(2023) observam que ano após ano, o número de mulheres aumentou na entrada dos 

curso. Isso indica que as mulheres estão tendo espaço de entrada na Academia. O problema são as dificuldades para concluírem o curso. As tabelas abaixo tratam do curso de Agronomia/Engenharia Agrônômica.

Tabela 1: percentual de matrículas, região norte.

Número de matrículas na Região Norte (%)					
Sexo	Ano				
	2018	2019	2020	2021	2022
Feminino	40,33	41,74%	42,47%	45,72%	47,65%
Masculino	59,67%	58,26%	57,48%	54,24%	52,28%

Tabela 2: percentual de matrículas, região centro-oeste.

Número de matrículas na Região Centro-Oeste (%)					
Sexo	Ano				
	2018	2019	2020	2021	2022
Feminino	33,32 %	34,27%	35,35%	38,06%	40,50%
Masculino	66,68%	65,73%	64,65%	61,94%	59,50%

O modelo patriarcal em que vivemos (e lutamos contra) indica as mulheres sendo vistas como cuidadoras, pois sempre que a sociedade pensa em família, filhos, pensam que a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa deve partir da mulher. Motivo esse que leva muitas mulheres a não conseguirem realizar seus sonhos profissionais, ou até mesmo não terminarem o curso superior, pois podem se encontrar em um estado de exaustão física e principalmente mental, devido à falta de uma rede de apoio durante todo o processo, principalmente em cursos de tempo integral.

Ainda falando sobre as dificuldades da trajetória acadêmica, Dany Roberta diz:

Não consegui fazer vários estágios porque eu já tinha a Ana Luiza, não conseguia nem concorrer a vaga de estágio, porque algumas empresas já não aceitavam mulheres. E porque mulheres poderiam engravidar, porque mulheres poderiam ter relações com homens. O homem ter relação com uma mulher durante o estágio não é o problema, problema é a mulher. Daí a gente tinha esse estigma e algumas empresas já não aceitavam e até porque muitas das atividades florestais são em campo. Na universidade, por exemplo, o Plano de Manejo Florestal, que era o forte da UFMT, eles já haviam reduzido a entrada de mulheres nas

empresas para realização de estágio, esses são alguns dos problemas antes de me formar.

No caso da pesquisa conduzida por Souza e Cardoso Martins (2023), pode-se observar como as oportunidades relacionadas a formação em Agronomia, aparecem com mais frequência aos homens. Embora não tendo conseguido retorno oficial da instituição para obter essas informações com mais detalhes, tínhamos acesso aos e-mails compartilhados para toda a comunidade acadêmica pela nossa Instituição, o IFRO campus Colorado do Oeste, indicando vagas de empregos ou estágio disponíveis em várias empresas, que em sua grande maioria, indicam como requisito para a vaga a “preferência para homens” e de forma alguma o contrário, ou seja, a “preferência para mulheres” sem ao menos especificar o porquê da preferência. Com isso vemos a real desigualdade e falta de maiores oportunidades para as mulheres neste segmento em pleno século XXI, embora como vimos nas tabelas acima, as mulheres estão frequentando os cursos no mesmo passo que os homens. Como dissemos acima, não conseguimos retorno com dados oficiais sobre vagas de estágio, mas a pesquisa nos e-mails enviados indicou que no campus Colorado do Oeste, para cada 10 vagas de estágio, 7 são exclusivas para homens e as 3 restantes são para a disputa entre homens e mulheres, ou seja, não há vagas exclusivas para mulheres. Novamente ressaltamos que não temos os dados oficiais, mas imaginamos que esta é uma constante em nosso país.

Se arrumar um estágio tem sido tarefa complicada, estudar e trabalhar é uma situação de enorme complexidade e esforço para a classe trabalhadora. Sobre essa questão a entrevistada Stella Cristina nos deu um depoimento preocupante:

Durante a faculdade trabalhei no corpo de bombeiros, por isso que eu tranquei um ano para fazer academia. Quando eu fiz 18 anos, prestei o meu primeiro concurso público. E não foi também por afinidade, foi porque tive a oportunidade, então eu passei. Eu estava no quarto período da agronomia quando eu passei. Então eu tive que trancar um ano, fui fazer o curso de bombeiros, aí perdi metade dos 2 semestres. Quando eu voltei, eu trabalhava e estudava porque durante o dia estudava, trabalhava à noite.

Tive dificuldade em uma matéria específica, ministrada por uma professora, mas não por ser mulher, mas sim porque ela não admitia que um estudante estudasse e trabalhasse. Acho que muito disso e por conta dele, pois ele era de outra realidade, né? Deve ter tido todas as oportunidades no mundo e achava, né, que um curso integral, a dedicação tem que ser integral e você não pode trabalhar. Então eu faltava muito à faculdade porque eu tinha plantões que eu não conseguia trocar e aí eu ficava jogando com os 25% em falta, eu sempre tinha 25% de falta em todas as disciplinas e ele detestava isso, então sempre que

eu faltava, ele dava uma prova surpresa. Eu sempre ia para as positivas, e sempre passava.

Como se não bastasse a sobrecarga em virtude da faculdade, há a problemática de se manter financeiramente. Pois é comum entre vários estudantes brasileiro, sendo eles de rede pública como da rede particular, conciliar faculdade e emprego para poder se manterem estudando. Além disso há o problema das divisões entre as frações da classe trabalhadora, do proletariado. A definição inicial de proletariado foi dada por Engels (1988, p. 74) na sua famosa nota à edição inglesa de 1888 do Manifesto do Partido Comunista, quando escreveu que "por proletariado entendemos a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender a sua força de trabalho para sobreviver". Vejam que a professora "não admitia que um estudante, estudasse e trabalhasse", o que nos indica a absurda situação em que uma trabalhadora (a professora) tenta dificultar o acesso ao conhecimento para outra trabalhadora (a estudante). E não adianta, como infelizmente tornou-se comum em nossos dias, a professora não se julgar parte da classe trabalhadora afinal, para Marx, se incluíam na classe do proletariado os comerciários, os bancários, os professores etc. Em outras palavras, todos aqueles assalariados produtivos para o capital. Ele chegou a escrever:

Nos estabelecimentos de ensino (...) os professores, para o empresário do estabelecimento, quanto para o Estado capitalista podem ser meros assalariados; há grande número de tais fábricas de ensino na Inglaterra. Embora eles não sejam trabalhadores produtivos em relação aos alunos, assumem essa qualidade perante o empresariado e o Estado capitalista (...). O ator se relaciona com o público na qualidade de artista, mas perante o empresário é trabalhador produtivo (MARX, 2011, p. 404).

Uma possibilidade para colaborar com a manutenção da classe trabalhadora em espaços acadêmicos são as bolsas, sobretudo as bolsas em projetos sejam de ensino, pesquisa ou extensão. Mas isso também sempre foi cerceado para as mulheres. Falando de sua experiência, Poliana diz que:

Mas as oportunidades dentro desse meio acadêmico que nós escolhemos, as oportunidades aparecem mais para os homens. O que eu acredito, é que dentro da graduação ou dentro do mestrado, para você ter acesso a trabalhos científicos, a bolsas do PIBIC, bolsas dentro do mestrado para você ter acesso a outras pesquisas, os homens têm que batalhar menos por elas.

Eu vejo hoje em dia, por exemplo, que na agronomia, os meninos têm mais chances de PIBIC do que as próprias meninas. Elas acabam não percebendo por que está na veia feminina lutar pelas coisas e ser

persistente então, nós às vezes acabamos não percebendo o quanto tivemos que persistir mais para alcançar a mesma vaga. Existe um trabalho de convencimento. Ela precisa provar muito mais antes de ser escolhida para uma bolsa, entendeu? Eu sempre percebi isso. E agora, ao conversar com o pessoal que está na academia, eu ainda continuo tendo essa percepção. Passaram-se mais de 11 anos desde a minha formação e me parece que nada mudou.

Segundo a matéria divulgada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (10 de fevereiro de 2023), “o número de mulheres cientistas vêm crescendo nos últimos anos e de acordo com o CNPq, as mulheres constituem 43,7% das pesquisadoras no Brasil”. A matéria foi publicada em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres e Meninas Cientistas (comemorado no dia 11/02), e conta a trajetória de duas mulheres que são professoras, mães e pesquisadoras.

As histórias de Ana Paula Corti e Ana Paula Barros, se cruzam com as histórias das nossas entrevistadas e de tantas outras mulheres e meninas deste país. Na entrevista Ana Paula relata:

Chegando na USP, muito rapidamente percebi que havia um universo desconhecido por mim, do qual eu não fazia parte e era tudo completamente novo: a possibilidade de desenvolver pesquisa, Iniciação Científica. Quando propus um tema de pesquisa para uma professora de Metodologia, ela respondeu ‘vamos ver’. Na USP, havia uma hierarquia muito forte.

Para Ana Paula Barros, o cenário não é diferente:

Ser uma mulher cientista no Brasil é bastante desafiador, especialmente no campo da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), em que é facilmente perceptível a predominância masculina, culturalmente estruturada. Hoje há diversas pesquisas que discutem lacunas de gênero nessas áreas e que revelam as contribuições de esforços para mudanças dessa realidade.

Apesar de não estarem nas mesmas áreas de pensamento científico, totalmente opostas neste trabalho, todas estão lutando pelas mesmas oportunidades, lado a lado em ambientes diferentes. É fácil de se notar que estão em processo de existência, resistência e permanências de seus lugares conquistados com muito esforço e dedicação dia após dia, trabalhando em uma rotina que vai além de 6 por 1, sejam elas das ciências sociais, ciências agrárias, ciências da natureza, ciências humanas ou exatas. E devemos nos lembrar que todas as ciências são ciências humanas, **já que são feitas por seres humanos e para os seres humanos**, afinal a luta é por uma sociedade mais justa e equilibrada.

O que disseram essas mulheres, sobre o exercício profissional com suas dificuldades e oportunidades.

Dany Roberta, docente no IFRO:

No início da minha carreira profissional eu tinha passado no concurso do Ibama, logo depois passei no do IFRO, e durante o intervalo entre esses dois concursos até eu ser chamada em um deles, eu tentei trabalhar em Vilhena. Mas há 15 anos atrás, era muito mais difícil o mercado, então no início não consegui me encontrar porque existe também uma questão cultural em relação a entrada do recém-formado, não só das mulheres no mercado profissional. Então tudo isso era complicado porque não existiam muitos profissionais na área.

Stella Cristina, docente no IFRO:

Eu acredito que minha escolha profissional começou ainda no final da graduação, já pensando em TCC. Eu sempre me identifiquei muito com a área de solos, pois sempre foi uma área que eu tinha facilidade de entender, gostei de todas as disciplinas e aí quando chegou em Manejo e Conservação do solo, eu falei, é isso que eu quero fazer. Foi uma coisa de identificação, então não sabia ainda em que âmbito profissional eu ia fazer isso, né? Se era dando aula, fazendo pesquisa, trabalhando no campo, nesse momento ainda não sabia com clareza.

Mas me identifiquei muito com a disciplina de manejo de conservação do solo, então eu busquei uma professora da área de solos para me orientar e aí eu fui fazer o meu TCC nessa área, então o meu TCC eu peguei 5 áreas com manejo de solo diferente, e aí eu usei indicadores microbianos para avaliar a qualidade desse solo, né? Então, conforme a gente usa, como isso vai afetar a qualidade? Então aí eu já me identifiquei com essas 2 áreas. A parte de manejo, de conservação e a parte de microbiologia de solo.

E como nessa época eu era bombeira, tive que tomar uma decisão de qual seria meu rumo profissional e aí eu decidi abandonar o corpo de bombeiros. E seguir na área acadêmica, é a minha decisão também, ela foi muito pelo momento que a gente vivia.

Naquela época, pra você ter uma ideia, a turma que eu entrei na agronomia eram 6 mulheres e 34 homens. Era um ambiente totalmente masculino, tanto acadêmico, quanto o mercado de trabalho. Então eu me senti assim, um pouco inibida, de tentar trabalhar em uma fazenda ou uma empresa privada, coisa que hoje eu acho que é mais fácil para você.

Então eu decidi seguir a carreira acadêmica, que eu via que tinha mais futuro, apesar de ter as desigualdades, eu tinha mais possibilidades dentro da carreira acadêmica. E aí eu fui fazer o mestrado.

Ambas apresentam as mesmas dificuldades no início da trajetória profissional, na qual a presença feminina era reduzida no campo e que as barreiras estruturais eram mais

fortes, fazendo com que elas vissem uma oportunidade no serviço público e voltado para a docência, onde podem transformar preconceito em educação, para jovens meninas e meninos de todo o estado realizando inúmeros projetos de cunho científico, social e econômico. Por suas similaridades sempre que puderam, realizaram trabalhos juntas criando um vínculo forte e servindo de inspiração para tantas outras acadêmicas.

Poliana, viveirista:

Por mais que seja cruel falar, a gente sofre no campo, a discriminação, principalmente pelas mulheres. É mais difícil vir o impedimento com base nos homens, sabe? Então a gente acaba tendo que provar mais e se provar mais. É baseado em preconceitos formados pelas mulheres, pelas próprias mulheres, e isso é o pior, sabe? Hoje falo para as mulheres no campo para quando elas receberem uma guria, quando elas receberem uma técnica ou quando elas estiverem em contato com outra mulheres que estão desempenhando atividades que eram ditas masculinas, para elas imaginarem que quem está ali poderia ser a filha, a irmã ou alguém muito próximo da família, como ela gostaria que essa pessoa fosse tratada? Eu sempre falo isso, porque esses foram os maiores impedimentos que eu tive no campo. Escutei coisas de algumas colegas, que se sobressaíram, na área que elas estavam, que já ouviram coisas pejorativas mesmo, sabe, tipo, ela deu uma ideia. A ideia foi validada pelos ex-chefes, foi colocada em prática, funcionou e, aí as outras pessoas que às vezes não tinha dado as ideias, mas que estavam ali há mais tempo. Só pelo fato de estarem a mais tempo começaram a julgar, então, isso é péssimo para a carreira profissional.

Sandra Rita, viveirista:

Quando eu saí da faculdade de início eu fui trabalhar em uma prefeitura. Me chamaram pra trabalhar com cooperativismo e associativismo, tinha zero bagagem de cooperativismo associativismo. Mas tinha livros que explicavam o que era, pessoas que podiam me explicar, e felizmente nós estamos em um Estado que as pessoas são muito acolhedoras, graças a Deus.

Nós já nos mudamos para diversas cidades até conseguir chegar aqui em Cacoal, uma cidade muito acolhedora, então ter a humildade de falar “olha eu estou aqui, e gostaria de sua ajuda, faz total diferença, entendeu?”. E eu fiz muito isso, então fui trabalhar na diretora de Associativismo e Cooperativismo na Secretaria de Agricultura, não sabia nada disso, não fazia ideia de onde eu estava pisando, mas foi devagarzinho, e depois disso eu vi a agricultura com outros olhos, vi as questões de políticas públicas voltadas para agricultura familiar, para o médio e até mesmo para o grande produtor de larga escala, e sempre eu tô envolvida nesse meio, porque eu entendo que é uma ferramenta social de desenvolvimento.

Quando trabalhei em Pimenteiras, tive a oportunidade de conhecer um outro universo da agricultura familiar. Foi uma construção dentro de mim, como algumas questões de onde você vai, com quem você

interage, tudo isso mudou minha visão hoje da agronomia como profissional.

Principalmente, sobre o que se pensava na faculdade, ou seja, que eu iria ser convidada para prestar um serviço em uma propriedade, faria um diagnóstico da propriedade ali junto com o produtor e tchau. Mas não, o agrônomo cria muito vínculo com o produtor que ele atende independente da área.

No ano que me formei em 2007, só tinha um curso de agronomia no Estado de Rondônia, que era na ULBRA, em Ji-Paraná. Então, a demanda de agrônomos era só os que estavam no poder público mesmo que estavam trabalhando dentro das unidades da EMATER tinha um ou outro em algum outra atividade, que não era frequente.

Nós ouvíamos falar em Engenheiro Agrônomo no INCRA, um no MAPA, em eventos como pesquisadores. Então assim, a minha visão de agrônomo, era essa! e não a que eu tenho hoje, que fui construindo com o tempo, né? Então era muito desafiador no início, e com o tempo a gente vai aprendendo a lidar com as adversidades, e eu gosto desse contato com o produtor.

Após sair da faculdade, Sandra relata que vivenciou diversas experiências, e como passar por cada uma delas foi importante, faz uma ressalva de como a visão enquanto agrônoma mudou a sua visão no mercado de trabalho e como trabalhar com a agricultura familiar a transformou. Interessante e preocupante a fala de Poliana compartilhando o preconceito sofrido por parte de outras mulheres e como isso marcou seu começo⁶.

Frente a isso, Sandra e Poliana enfrentaram dificuldades diferentes, porém se fizeram fortes e descobriram que precisavam de mais, precisavam se encontrar e transformar a sociedade da sua região. Ambas se encontram abrindo seus próprios viveiros, e neles encontram seus propósitos de vida, Sandra na cacauicultura e Poliana na cafeicultura, hoje são referências no que fazem e servem de inspiração para mulheres e homens, sejam eles estudantes, produtoras ou produtores.

Maria Fátima, camponesa:

Quando eu comecei a aprender o que que eram os movimentos, principalmente o movimento dos agricultores, a luta pela agricultura. Quando eu comecei a ver que tinha uma luta em cima disso e que dava mais segurança principalmente as mulheres, mães que ficam na roça,

⁶ A princípio, fiquei tocada com o que tinha ouvido, porém assim como Poliana, eu também sofri preconceito de outras mulheres, com perguntas do tipo “quem é o agrônomo responsável? Só tem você para atender? Eu gostaria de conversar com um homem”. Esse episódio aconteceu logo após a entrevista com Poliana, no momento a sensação é horrível, porém, como já tinha sido alertada por ela, mantive o profissionalismo e disse “eu sou a agrônoma responsável pela loja no momento, no que posso te ajudar? Assim como um homem eu tenho conhecimento para poder lhe orientar”. O mais interessante desse dia foi que o homem que estava acompanhando, pediu a ela que escutasse o que eu tinha a dizer e começou a me fazer perguntas referente ao problema da lavoura, e no final os dois me disseram que nunca foram tão bem atendidos, e me pediram o meu número de telefone, e esse foi um dia para não se esquecer.

que estão sempre ali com a família. Eu acho então assim que eu me firmei nessa luta. Então assim a agricultura ela se posiciona a você quando você vive nela. Quando você vê que ela coloca você no seio da família. Agricultura ela também acaba envolvendo você nessa convivência familiar, na vizinhança de outras agricultoras.

Entre as muitas dificuldades, a que eu vejo como principal, é que a gente é agricultora, e fica ali no sítio como uma tutora e na maioria do tempo de muitas coisas! Você acaba na verdade sendo uma cuidadora. Mas na verdade você não se posiciona ainda. Você não se envolve de fato assim na parte administrativa, leva muito tempo pra você descobrir se você pediria e fazer parte dela, ou não. Então a gente não se engaja de fato, você leva muito tempo para estipular o que de fato quer agir, e que estava ali fazendo parte.

Ana Isabel, camponesa:

Quando a gente migrou para Rondônia e com o passar do tempo fui amadurecendo o meu envolvimento social e passei por um processo de transição. Decidi sair do convencional para um processo da produção agroecológica, diversificada. Enfim, considerando vários outros fatores e elementos. Então eu acredito que essa mudança veio de acordo com o processo de consciência que a gente vai adquirindo com o tempo.

Quando era mais jovem, tive muitos desafios, muitas dificuldades, inclusive antes de me casar, o preconceito era maior, “como que uma mulher sai assim para ficar falando de produção, de divisão de terras, isso é coisa pra homem, isso não é coisa para uma mulher” e isso a gente ouvia o tempo todo, de familiares que convivem e trabalhava com a gente.

No Brasil de maneira muito especial, nós que somos camponeses, que é o meu caso, a gente vive historicamente um processo de modelo de sociedade que exclui o campo, ou seja, o campo não tem sua devida importância e da forma que as capitais avançam exigente uma parte da sociedade que fica desprovida de toda e qualquer condição pra ter dignidade no campo para viver, como acesso à moradia, educação, transporte escolar e etc.

Maria de Fátima e Ana Isabel, também possuem história parecidas, pois além de possuírem o pé no barro desde pequenas, carregam consigo a beleza de dividirem suas experiências com as outras pessoas, a força de lutarem todos os dias pelo que acreditam e a coragem de enfrentar seus próprios medos. Ambas recebem estudantes de todo o estado que estão em busca de conhecer um modo diferente de produzir alimentos, observando a natureza e como ela se comporta quando a respeitamos, e além de tudo uma maneira mais próxima de se relacionar com as pessoas que não é através de telas e muito menos através das redes sociais.

O que disseram essas mulheres, sobre o exercício de cargos de direção e chefia.

Dany Roberta, docente no IFRO:

Na pró-reitoria de pesquisa, eu fui a primeira mulher a ser pró-reitora de pesquisa, só homens. A experiência por ser mulher, não achei que tenha havido alguma coisa no sentido de desrespeito, nem nada do tipo, até porque eu acho que também vem dessa nossa forma de se impor, de se colocar, o que foi muito tranquilo.

Stella Cristina, docente no IFRO:

Eu fui coordenadora do curso de agronomia, né? Foi a segunda vez que o professor Fabiano, se afastou para o doutorado, na época, não era eleito pela comunidade. A gente acordou, né? Porque na época o ROA, nosso regulamento, dizia que era o diretor que nomeava. Quem quisesse e os coordenadores, aí nós acordamos dentro dos colegiados que, dentre os colegiados a gente ia escolher. E o diretor, dentro do colegiado, eu não me candidatei. E então sugeriu o meu nome e aí a galera, todo mundo queria. E vamos, Stella e tal. E aí eu me comprometi e fiz a gestão por 2 anos, mas eu fiquei um ano só porque depois eu me afastei para o para o doutorado.

E sim, para mim foi muito desafiador, a gestão porque é vários motivos. Eu não lido bem com conflitos e tenho vergonha alheia de algumas coisas, por exemplo, é muito difícil ficar cobrando o professor para fazer o seu trabalho. Não é que eu acho que cada um tem que fazer o seu trabalho e não precisa ter alguém ali cobrando isso. É, então, essa foi uma questão bem complicada, porque pra mim assim era muito complicado dizer as coisas, sabe? Falar assim, se liga, você tem que fazer isso.

Dany, relata com muito orgulho e felicidade, mas também com ressalva que foi a primeira pró-reitora de pesquisas em anos. O que mostra que ainda temos muito o que batalhar para ocupar posições de alto escalão.

Stella descreve como foi desafiador sua experiência como coordenadora do curso de agronomia, e que com o cargo veio a responsabilidade de cobrar coisas das pessoas e como isso é uma atividade difícil, especialmente porque com isso vem os conflitos. Ela foi a 1º mulher no campus Colorado a ser coordenadora do curso de Engenharia Agrônômica.

Interessante pensarmos como o IFRO, que em seus documentos oficiais indica ser uma instituição que preza pela democracia, paridade de gênero, equidade e participação de todos e todas, faz isso acontecer na realidade. As duas entrevistadas foram as primeiras em seus respectivos cargos, o que nos faz pensar em como podemos melhorar isso.

Poliana, viveirista:

É, eu já exerci por algum tempo e foi muito bom. Fui liderança de um grupo masculino. e todos foram selecionados por seus currículos e por sua competência mesmo, e não por serem homens. E o tempo que nós passamos juntos, eu acredito que pude ensinar muito das dificuldades femininas que nós temos, e alguns impedimentos que a gente tem que saber reconhecer que a gente tem, sim. Eu pude mostrar pra eles que o fato de ser mulher e de ter algumas especificidades não me fazia menos competente.

Sandra Rita, viveirista:

Eles me respeitaram muito e nós formamos uma equipe muito boa, todos a equipe tinha competências suficientes para ser liderança. Todos tinham praticamente a mesma formação de graduação, mestrado, mas eles me respeitaram muito como liderança. E temos até hoje um grande respeito um pelo outro até hoje.

Hoje eu e minha família temos nosso próprio negócio, temos um Viveiro de Mudanças de Cacau Clonal, eu gosto de manter o contato com os produtores que compram as mudas comigo, porque eu penso assim, ter um negócio onde tem um produtor sendo envolvido eu não estou vendendo apenas uma muda, mais sim a minha entrega, que vai além de uma planta, mas a qualidade.

Então tem todo um passo a passo que nós tentamos manter com produtor envolvido, nem todos a gente consegue. Porque ainda tem um ou outro produtor que quando me vê acha que por ser figura feminina, e por verem uma feminilidade mais aparente, da que eles imaginam, que é quando estou na rotina do campo, pois também sou do Agro também uso botina, chapéu, mas quando estou lá no campo. Não me visto da forma que se deduz, ou seja, mais feminina, então, isso causa uma estranheza a princípio.

Mas com jeitinho a gente vai driblando tudo isso é com jeito mesmo, então não é todos que a gente consegue fazer uma entrega de qualidade, ou seja, uma pós-venda. No entanto, eu tento criar esses vínculos, e hoje em nossa empresa que tem um retorno de quase 90%.

Poliana, traz como foi leve conduzir um grupo de pesquisa que em sua maioria era composto por homens, porém ela nos mostra que isso foi importante para ambos. Pois ela pôde mostrar que nós mulheres temos nossas particularidades, entretanto isso não nos faz menos capazes.

Sandra sempre está à frente de projetos sociais ou de cooperativas, e levanta um ponto muito importante a ser destacado que ela aprendeu com o tempo e que fez questão de compartilhar comigo:

Um homem para falar, não precisa se levantar para ser ouvido, por outro lado uma mulher, precisa se levantar, e não é porque a voz é mais baixa não, ela tem que mostrar que tem autoridade sobre o

assunto e falar um tom normal, para que todos possam prestar atenção.
pois eu não quero

impor meu ponto de vista, eu quero que as pessoas pensem sobre isso, e a melhor maneira de fazer isso e fazendo com que elas prestem atenção.

Sandra ainda comenta que nota que os produtores percebem como nós mulheres somos mais atenciosas em nosso jeito de mostrar conhecimento, como nos preocupamos com a entrega que fazemos, com o depois de realizarmos a venda seja ela de nossos serviços, produtos ou mudas e que a partir daí somos valorizadas é isso que nos diferencia.

Ela ainda compartilha a importância de se impor ao oferecer seu produto e com ele o seu maior diferencial que é a responsabilidade pós-venda, cuidado que a deixa mais próxima de seus objetivos, que é de transformar a cacauicultura. E como nossa feminilidade aparente não nos impede de ser boas profissionais, e que temos voz e queremos que nossas opiniões sejam escutadas e validadas, sem precisar levantar a voz.

Maria Fátima, camponesa:

Hoje eu estou na comissão de mulheres, eu fui coordenadora aqui mesmo do grupo Bem Viver por oito anos e foi um ótimo trabalho. Sempre a maioria dos componentes, eram mulheres, principalmente devido ao nosso jeito de trabalhar, desse envolvimento, e os homens foram chegando depois. E este trabalho sempre envolvia a família, mas elas eram as provedoras do trabalho.

Então foi uma iniciativa de mulheres para libertação das mesmas. Para que as mulheres ficassem por perto de si mesmas, para que elas não saíssem daqui, migrassem para a cidade, que acontecia muito nessa região. Porque as mulheres vão trabalhar de funcionárias domésticas na cidade e larga a família por consequência não ficam mais no espaço familiar, não há mais alimentação saudável principalmente dentro de casa. O trabalho é o mesmo, só que para pagar comida que não é uma comida de qualidade, eles não produzem alimentos e não ficam com a família.

Ana Isabel, camponesa:

E até noventa e três não tinha nenhuma federação aqui em Rondônia, então em 23 de Junho de 1993, foi fundada a FETAGRO eu disputei a presidência, o resto da direção era consenso, eu ganhei, liderei até 1996 a presidência da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia.

A federação de Rondônia foi a primeira a ter uma mulher na presidência nos primeiros trinta anos de história do movimento sindical da estrutura sindical do Brasil.

Essa foi a minha única experiência, e nesse tipo de cargo, e que quando você vai para eventos, órgãos públicos, quem se manda e um presidente, e então se espera um homem, a cultura aqui no Brasil ela é muito assim, ainda, da figura, do presidente ser do gênero masculino e não do gênero feminino. Então esse processo da discriminação e por parte dos homens, por parte do passado, de onde a gente vive é esse o processo da

discriminação, e são nos espaços públicos que é quando você vai demandar um crédito maior das pessoas e onde percebemos essa pressão. Em maio de 2019, eu representei a Via Campesina na Assembleia Legislativa de Rondônia.

Dona Fátima, conta com orgulho como foi criar e liderar o grupo Bem Viver, que é composto majoritariamente por mulheres camponesas, e como isso foi importante, não só para ela, mas principalmente para as envolvidas. Pois este grupo trouxe de volta a elas a soberania alimentar e o retorno aos seus lares, possibilitando passar mais tempo com seus filhos e filhas, diminuindo o êxodo rural, que é mais que importante e fundamental para manter a agricultura familiar ativa.

Talvez o desafio de Ana Isabel tenha sido um pouco mais complicado já que sua fala nos mostra como é desafiador assumir posições que são vistas como de domínio masculino no setor sindical e no setor político. Mostrando a importância de adotarmos o sistema de paridade de gênero ou até mesmo a equidade entre ambos para a liderança de cargos de chefia.

Embora todas as nossas entrevistadas compartilharam que já lideraram cargos de chefia ou liderança e mostram que foram e são capazes de liderar, porém é possível notar que há poucas mulheres à frente de lideranças. De acordo com reportagem publicada pela Agência Brasil (2024), uma pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que:

As mulheres só são maioria nas gerências e coordenações das áreas de educação (69,4%) e saúde humana e serviços sociais (70%)” [...] E a menor participação feminina é percebida no setor de agricultura, pecuária, engenharia florestal, aquicultura e pesca (15,8%) (Agência Brasil, 2024).

O que mostra que os esforços ainda devem ser contínuos para alcançar uma representatividade mais equilibrada entre os gêneros.

Quando faço a pergunta em relação a satisfação em relação a Produção Científica, a entrevistada Dany relata:

Não. Hoje eu gostaria de ter mais oportunidade de produzir com os meus alunos, com os meus orientandos e orientandas. Não é a questão da professora Dany, mas sim da gente crescer juntos. A questão é que hoje, como a gente ainda é uma instituição muito nova, e muito recente. A gente ainda não tem condições, então a gente não pode se comparar a uma universidade, por exemplo Lavras. O IFRO só tem 15 anos, então a gente tem muita coisa para se adequar e a gente precisa ajudar muito a instituição, ainda para que a gente consiga crescer junto. Pro futuro ter essas condições que são tão necessárias, mas hoje a gente não tem condições.

O depoimento de Dany, aponta várias reflexões complexas referente a posição das mulheres no presente momento. O primeiro deles é a sensação de culpa que atinge uma grande parcela das mulheres que exercem múltiplas funções, como conciliar a vida profissional e a vida familiar, muitas vezes provocada pela autocobrança, em razão da determinação de sermos completamente perfeitas em tudo que fazemos.

A segunda reflexão é em relação a maturidade emocional e como é importante impor limites e entender que não conseguimos ser 100% o tempo todo, o que está completamente ligada com a primeira pontuação. Porém nem sempre nós mulheres conseguimos enxergar esse ponto de vista, por isso é importante sermos mais gentis conosco, e procurar ajuda com profissionais da área da saúde mental e até mesmo procurar outras mulheres para poder trocar experiências e se fortalecer.

As duas primeiras reflexões nos levam diretamente para o terceiro e último ponto, deste depoimento, que é a produção científica. Pois a partir disso, pode-se observar que devido a sobrecarga de trabalho e a falta de fortalecimento da ciência a entrevistada não consegue produzir como gostaria.

Stella Cristina, docente no IFRO:

Eu não considero que eu conquistei muitas coisas, mas eu posso expressar de uma maneira que eu me dediquei, lutei pelo meu espaço, mas eu considero que eu alcancei uma boa posição dentro do que me era possível na época. Então o que eu estou dizendo é que eu não fui, me desafiar no mercado de trabalho, assim como outras colegas, mas eu preferia ficar como funcionária pública, como pesquisadora, como professora que eu via com uma coisa mais fácil.

Apesar de todos os desafios que existem aí, então eu sempre gosto de pensar que assim, digamos que eu posso deixar como legado, né? Essa

Poliana, viveirista:

representatividade é esse olhar, de muitos alunos, de uma professora referência, então isso para mim já é uma conquista dos meus objetivos de vida. Quando tem essa representativa de ah, ela chegou lá, eu também posso chegar lá.

Eu tenho sorte e tenho também o privilégio de dividir a vida com meu marido, um homem que é meu companheiro, que trabalha junto comigo, É o que outros homens acham um sacrilégio. Ele não acha. Muitos homens chegam nele e dizem:

“Nossa, como que a sua esposa pode fazer um negócio desse, nossa, a sua esposa vai viajar para fazer um curso, vai ficar tantos dias longe. Nossa, sua esposa acabou de chegar e já vai para outro curso”.

E foi o que a gente se propôs a fazer e está tudo bem, entende? Está tudo bem para ele, uma coisa que eu sempre digo. Já falei em algumas palestras, e falo, olhando diretamente para os homens, porque às vezes, os homens me veem como uma certa referência em algum assunto. E muitas vezes não olham para as esposas, as filhas que eles têm dentro de casa, para o potencial que elas têm, e às vezes o potencial que elas têm pode ser desenvolvido ou potencializado pelo apoio deles. Não é? Então eu falo isso direto para os outros homens, às vezes vocês vivem em cursos, palestras, ministrado por uma mulher. E eu só faço isso por conta de muito apoio, então façam isso também que vocês também gerem outras referências femininas, as meninas precisam ser apoiadas. É claro que a minha carreira profissional toma muito tempo, mas tempo, da minha vida pessoal assim, porém decidimos trabalhar juntos, a gente já está sempre ali, meio junto e entendemos os momentos! A gente tem que entender muitos momentos que a gente está vivendo. E esse agora é um momento de profissionalismo. Eu faço o que gosto, e gosto muito de trabalhar com o que escolhi trabalhar. Gosto muito de executar as atividades que eu executo. E não trazer também as dificuldades que são muitas, de dentro do meio profissional para dentro de casa. Isso eu sempre evito fazer.

Sandra Rita, viveirista:

Hoje eu entendo o meu propósito, hoje eu entendo que tudo que aconteceu comigo estava me preparando pra algo, eu ter me envolvido com cacau, ter me envolvido com chocolate. Que é o produto final aí, eu acho que foi um processo e eu eu não mudaria nada, do que passei, porque tudo me preparou, para que eu pudesse ter encontrado o meu propósito que hoje eu vivo com um propósito e entendo isso perfeitamente.

Sonho ainda muito e eu sempre incentivo outras mulheres a caminhar, buscar e fortalecer. Porque eu não sei de tudo e sempre que preciso recorro a outras profissionais, que assim como eu estamos em busca de fazer mais pelo que acreditamos, estamos fazendo muita pesquisa aqui, principalmente no que diz respeito a qualidade do chocolate.

Segundo reportagem da Revista Agro Rondônia (2022), “o desenvolvimento da cacauicultura é liderado por mulheres”. A matéria aponta nomes de algumas mulheres que se destacam nesse movimento é um dele é o se Sandra Rita Bartnik Quaresma, além dos de Jacinta Barbosa Costa de Almeida, Melissa Barbosa Costa de Almeida e Alessandra Cristina Gribler da empresa Cacau Raiz e de Cristiane Tiengo da empresa Chocolate Tiengo. Mulheres que assim como Sandra vem mostrando que é possível trabalhar com o que se gosta. Assim como também foi destacado pela Revista Agro Rondônia (2022):

Segundo pesquisa da produção agrícola municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, Rondônia apresentou mais de 9.2 mil hectares de área destinada à colheita de cacau em amêndoa. Parte dessa produção conta com a liderança e dedicação de mulheres fortes, que trabalham no desenvolvimento e crescimento da cacauicultura.

Maria Fátima, camponesa:

Hoje eu já estou mudando, mas eu quero mudar muito mais, e ser ainda mais independente, ter menos medo, quero ser mais corajosa, sabe? Eu acho que me faltou muita coragem, para me impor em algumas situações. Eu quero melhorar, adquirir mais confiança em mim mesma. Sabe? Pra fazer as coisas que eu ainda acho que é preciso fazer.

Dona Fátima até relata que queria ser mais independente porque já deixou de ir a alguns lugares por ter medo de ir sozinha a reuniões, cursos etc. por conta de não ter coragem de conduzir uma moto ou um carro. Situação essa que milhares de outras mulheres se deparam. Por mais que pareça algo banal, é preciso coragem para enfrentar alguns medos. A produtora ainda compartilha de sua frustração perante o não reconhecimento de seu grupo de trabalho por parte do Estado:

Veja bem, nós aqui do movimento agroecológico, a gente fez há muito tempo feira. E nosso grupo é organizado, produz de forma diferenciada. E as pessoas que conhecem nossa história desde o início, conhecem onde nós estamos e a gente nunca foi reconhecido. Quando eu vejo tinha algum técnico querendo fazer alguma coisa por nós, que está trabalhando lá com uma a nossa equipe, e começa a acompanhar eles veem como a nossa luta é grande. Quando alguém do nosso grupo fica doente as pessoas se encontram para ir à casa da família e estar ali por perto, há todo um envolvimento, uma convivência, de tá ali do lado, de tá partilhando maus e bons momentos também. Então, eu acho que falta um mérito para nossa equipe, do nosso grupo de ter esse reconhecido, principalmente pelo Estado.

O relato indica que há falha nas ações do Estado. E sabemos que há falhas do Estado e da sociedade como um todo para reconhecer o papel das mulheres para o desenvolvimento da ciência. No início da década de 1980, Rossiter (1982) propôs dois conceitos para compreender a massa de estatísticas sobre as mulheres na ciência e as desvantagens que elas continuavam a sofrer. Denominou o primeiro de segregação hierárquica, o conhecido fenômeno pelo qual, conforme se sobe a escada do poder e prestígio, cada vez menos rostos femininos são vistos. Essa noção talvez seja mais útil do que a do teto de vidro, que aponta para a barreira supostamente invisível que impede as mulheres de atingirem o topo. A noção de disparidades hierárquicas chama a atenção para as múltiplas etapas nas quais as mulheres são excluídas ao tentarem subir escadas acadêmicas ou industriais.

Mas ao menos nossas mulheres se sentem empoderadas e participantes da ciência e do desenvolvimento da sociedade. Vejamos a fala de Maria Fátima:

Sim, eu me considero cientista, porque aqui no campo a gente sempre observa o que a gente planta, observa a mudança das estações, como os insetos se comportam de acordo com cada planta e etc. Nós também sempre estamos atrás de novos conhecimentos como os de Ana Primavesi, mas além de ler e entender, por em prática. Então eu me considero cientista.

Ana Isabel corrobora totalmente com a fala anterior

Ana, acredito que sim! Primeiro porque para quem saiu do processo de experiência de monocultivo e vai para o processo da transição do processo de produção agroecologia, já significa que você pensa de forma diferente e isso foi um processo de despertar é grandioso. Principalmente para você chegar a tomar essa decisão de fato. E eu costumo dizer assim que a ciência é um encontro, muito fabuloso do conhecimento empírico da nossa vida enquanto camponeses, homens e mulheres e o encontro daqueles que conseguem agregar o conhecimento técnico e científico aqui conosco, de uma forma que pode nos ajudar, a criar condições melhores de produzir e respeitar o que a gente já faz”. Todo camponês, é um bom cientista, porque quando você começa a entender o período que se precisa preparar a terra para plantar e quando é que esse que essa terra está pronta. E entender que ela requer cuidado especial de nós, e quando você precisa colher as sementes da forma correta para manter a capacidade germinativa. Então tudo vira ciência e a gente vai aprendendo com a própria natureza como lidar com a terra.

É uma outra possibilidade de estar no mundo. Entre aqueles que nos falam sobre outras maneiras de “viver o mundo”, Toledo e Barrera- Bassols o fazem indicando-nos a importância da sabedoria popular e da memória biocultural. Por isso retomamos suas ideias nesse momento. Valorizando povos e comunidades tradicionais, eles afirmam que

Para continuar pensando

Uma análise superficial de nossa sociedade mostra evidências relativas à assimetria posicional a que a mulher está submetida no meio rural, com as implicações daí advindas para o campo de possibilidades de desenvolvimento de suas capacidades.

A impressão que temos é que essa subalternidade posicional da “mulher rural” tem se mantido dentro de um círculo vicioso, cultural-institucional, que pode ser evidenciado na manutenção das desigualdades de acesso da mulher aos conhecimentos científico-tecnológicos, aos cargos de chefia e mando e no caso específico desta pesquisa, as condições igualitárias de acesso a vagas de estágio em um curso específico das Ciências Agrárias.

É perceptível que esse fenômeno tem, claramente, um caráter sexista. Isso porque, mesmo não existindo um impedimento formal de participação das mulheres em qualquer vaga de estágio, a restrição cultural existe e precisa ser percebida pelas instituições e empresas que promovem os estágios. Ou seja, a cultura se coloca como uma demarcadora de condutas. O conceito de sexismo pode ser entendido como a perpetuação de hierarquias de gênero em determinadas esferas da sociedade (HARAWAY, 2000; SHIENBINGER, 2001).

Ao ampliarmos a porcentagem de mulheres que têm acesso ao conhecimento científico-tecnológico precisamos possibilitar que essas mulheres atuem efetivamente demonstrando na vida prática o conhecimento experienciado. Isso poderá aumentar também a porcentagem da população que pode alterar os indicadores de desenvolvimento socioeconômico de uma região.

Um ponto a ser destacado nesta problemática está relacionado a antiga questão de que o trabalho feminino ser concebido como estando ligado à esfera reprodutiva, de cuidado da casa e da família. Segundo Fraser (1987) e Beneria (2006), a designação esfera produtiva e reprodutiva pode ser dada a partir da ascensão do capitalismo burguês, no século XIX, quando ocorre uma evasão das atividades realizadas em âmbito doméstico para a esfera pública, entendida como aquela relativa à esfera da economia e do Estado.

A concepção da sociedade dividida em uma “esfera pública”, onde se desenrolam os assuntos relativos à vida econômica e política, próprios ao homem, e outra “privada”, voltada para as questões domésticas, religiosas e do âmbito da subjetividade, percebidas socialmente como próprias da mulher, passa, desde o século XIX, com a ascensão da burguesia, a ser legitimada como naturalmente dada e não como historicamente

construída. Dentro desse processo de naturalização da esfera pública como masculina e da privada como feminina, Fraser (1987) e Nicholson (2000) chamam a atenção para o fato de que se assume de forma natural a dissociação entre as esferas ditas produtivas e reprodutivas, desconsiderando-se, em primeiro lugar, o imbricamento entre elas e, em segundo lugar, o fato de que a mulher está presente em ambas as esferas, só que de forma subjugada. Segundo Nicholson (2000), as tarefas realizadas pelas mulheres, de cuidado com os filhos, futuros trabalhadores, de limpeza da casa, das roupas, de preparação dos alimentos, dentre outras tarefas, são fundamentais para a reprodução do capital, visto que são realizadas gratuitamente pela “esposa”, mãe de família. Caso essas atividades tivessem que ser pagas, os salários pagos aos trabalhadores teriam que ser muito mais altos para que eles conseguissem se manter sadios e produtivos, e as crianças limpas, alimentadas, tratadas e educadas.

Essa divisão entre esfera pública e privada que torna invisível, tanto o trabalho que a mulher desenvolve na dita esfera produtiva, como também a forma como o trabalho na esfera reprodutiva é fundamental para a realização do trabalho na esfera produtiva, tem uma base cultural, variando de sociedade para sociedade e de contexto para contexto o seu grau de acesso aos conhecimentos tecnológicos. Ou seja, não seria a técnica em si que conteria uma restrição à mulher, mas, antes, os preceitos culturais que trariam essas restrições. Habermas (2001) apoia essa afirmação por considerar que a técnica em si não conteria já em sua imanência uma racionalidade do dispor, uma racionalidade da dominação, no caso, a masculina. Pelo contrário, a técnica teria uma racionalidade própria. Assim, uma tecnologia não seria, a princípio, em si mesma, sexista, ou seja, restrita, destinada ou apropriada para um ou outro sexo. Seria dentro de sua institucionalização na sociedade e no próprio campo científico que esse sexismo da ciência se configuraria.

Uma das vias para a instauração da discriminação sexista no acesso ao conhecimento teria se dado, segundo Schienbinger (2001), por meio da própria ciência. Grandes pensadores e filósofos afirmaram, desde a Grécia Antiga até os dias hoje, a incapacidade da mulher para o pensar abstratamente, para fazer generalizações e realizar cálculos objetivos. Essa concepção socialmente vigente, por mais de vinte séculos, sedimentou socialmente uma visão de que o homem traria em si características como a objetividade e a racionalidade, tendo, assim, uma afinidade inata com áreas do conhecimento como a física e a matemática, por sua exatidão e “frieza”.

Para além desse lamentável desvelo da dominação masculina inscrito na história da humanidade, um rápido olhar nos nomes de grandes cientistas, mulheres, reconhecidas mundialmente, por sua contribuição à ciência, basta para pôr em xeque argumentos que generalizam atributos como se estes estivessem inscritos nos genes. Mulheres como Marie Curie, sua filha Irene, ambas prêmio Nobel em química, em 1911 e 1935, respectivamente; Maria Goeppert-Mayer, prêmio de Física em 1963; Dorothy Crowfoot, em 1964; Rita Levi-Montalcini, Nobel de Medicina em 1986; e tantas outras que, mesmo anonimamente, vêm fazendo cotidianamente a dita “ciência normal”, projetando-se no meio acadêmico, demonstram que não há outra restrição que não a cultural para a maior afluência de mulheres ao campo da pesquisa, do conhecimento e do mundo do trabalho em geral.

Em importante artigo, a professora e pesquisadora italiana e distinta professora emérita de História da Consciência na Universidade da Califórnia, Teresa de Lauretis (1987) argumenta que frequentemente a questão de o trabalho do homem ser definido como técnico e o da mulher como não técnico está relacionada ao fato de o trabalho não técnico ter aspectos culturais relacionados ao uso do termo “tecnologia”. Segundo a autora, o termo tecnologia tem um certo glamour, sendo interessante perceber em que contexto ele dá status. Esse aspecto implícito da tecnologia, de não ser imune aos valores sociais, é que permite perceber que a tecnologia pode ser um veículo para a diferenciação entre determinados grupos sociais. Logo, aquilo que é considerado tecnológico atribui status a um segmento em detrimento de outro. O homem é aquele que executa as tarefas consideradas como trabalho técnico, já a mulher permanece realizando atividades artesanais ou manuais.

Do ponto de vista institucional, as mudanças também são percebidas como difíceis, por se considerar que introduzir as questões de gênero requer mudanças na forma de realizar os planejamentos, nos critérios de monitoramento e avaliação etc. Segundo Siliprandi (1999), seria necessária uma formação que permitisse elucidar as relações de poder entre homens e mulheres, a fim de realizar uma desnaturalização da divisão sexual do trabalho.

Culturalmente o conhecimento tecnológico, qualificador da posição profissional não está construído, visto que a mulher ainda é vista como aquela que ajuda, ela não é quem decide. Daí que a busca por se qualificar dentro da sua profissão não está interiorizada nela mesma, nem construída socialmente, como uma expectativa a ser realizada. Em suma, embora perceba-se que há um ambiente político favorável a uma

relação de gênero mais igualitária nas políticas voltadas para o desenvolvimento rural, ainda não conseguimos romper com tal assimetria nas relações de gênero, uma vez que não construímos a capacidade de perceber os fatores culturais que trazem obstáculos ao acesso da mulher aos postos de chefia e mando no mundo rural.

No decorrer destas entrevistas é possível notar na fala de todas as interlocutoras que a escolha da profissão teve total apoio e influência familiar, mesmo diante de incertezas, dificuldade quanto ao acesso à educação ou outra razão. Contudo, é inegável que há uma ligação forte com o campo e a natureza independentemente do status social ou gênero, as mulheres possuem a capacidade de conquistarem seus espaços nas ciências agrárias.

É importante destacar a fala de todas as entrevistadas “apoio da família” esta pesquisa mostra como a família tem um papel fundamental para a tomada de decisão destas mulheres em decidir qual carreira seguir. Pois na maioria das vezes muitas mulheres desistem de seus sonhos ou de suas oportunidades por falta de apoio familiar, ainda mais pelo fato de que a área das ciências agrárias é vista como um campo dominado por homens. Situação que vem mudando ano após ano, mas que ainda vai nos exigir muita luta.

Os resultados dessa breve pesquisa indicam que as mudanças são percebidas como difíceis, por se considerar que introduzir as questões de gênero requer mudanças na forma de realizar os planejamentos nas instituições de ensino. Segundo Siliprandi (1999), seria necessária uma formação que permitisse elucidar as relações de poder entre homens e mulheres, a fim de realizar uma desnaturalização da divisão sexual do trabalho. Contudo, segundo a referida autora, essas mudanças de percepção não são capazes, por si só, de romper com uma estrutura objetivada de subordinação das mulheres rurais. Seria necessária a realização de cursos de capacitação para as questões de gênero bem como um investimento maior nos debates dentro desse enfoque crítico das desigualdades de gênero no âmbito do acesso ao conhecimento científico-tecnológico para que essa situação pudesse ser objeto de atuação consciente das instituições. Mas constatar esse viés masculino nas indicações de estágio e vagas de emprego na formação profissional nos cursos de Agronomia, ainda não ajuda a compreender a forma como esse fenômeno se processa, nem torna visível o teto de vidro que encobre as barreiras que as mulheres enfrentam para romper a “segregação hierárquica” fruto de um patriarcado que teima em aceitar que as mulheres têm total capacidade para desenvolver qualquer atividade.

Referências

BENERIA, Lourdes. La mujer y el genero en la economía. In: VILLOTA, P. **Economia y gênero**. Barcelona: Içaria, 2006.

CIAVATTA, Maria. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.) **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Dados abertos**. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos>. Acesso em 05/01/2025.

FRASER, Nancy. “O que é crítico na teoria crítica? O argumento de Habermas e o gênero”. In: FRASER, N. et al. (Orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: Fazenda, Ivani. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

HARAWAY, Donna et al. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JORNAL DA USP. **Preconceito e diferenças salariais marcam o cotidiano das mulheres cientistas**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/menos-de-30-das-mulheres-do-mundo-sao-cientistas/>. Acesso em 17 de novembro de 2024.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. **O manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1988.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.

OLIVEIRA, A. et al. Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. **Configurações – Revista de Ciências Sociais**. v. 27, p. 75-93. out. 2021.

PORTAL CNN. **Teste do Censo 2022 mostra população com 51,7% de mulheres e 16,7% de idosos**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/teste-do-censo-2022-mostra-populacao-com-517-de-mulheres-e-167-de-idosos/>. Acesso em 14 de abril de 2023.

PORTAL UFRA. **Projeto incentiva interesse de meninas ribeirinhas pelas ciências agrárias.** Disponível em:

https://novo.ufra.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3099&catid=17&Itemid=121. Acesso em 05 de maio de 2023.

REVISTA AGRORONDÔNIA. **Desenvolvimento da cacauicultura em Rondônia é protagonizado por mulheres empreendedoras.** Disponível em: <https://agrorondonia.com.br/noticias/agricultura/desenvolvimento-da-cacauicultura-em-rondonia-e-protagonizado-por-mulheres-empreendedoras>. Acesso em 17 de abril de 2024.

REVISTA FORBES. **Liderança feminina avança, mas “degrau quebrado” impede mais promoções.** Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/10/lideranca-feminina-avanca-mas-degrau-quebrado-impede-que-mais-mulheres-subam/>. Acesso em 18 de abril de 2024.

ROSSITER, Margaret W. **Women scientists in America: struggles and strategies to 1940.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982.

SILIPRANDI, Emma. Para pensar políticas de formação para as mulheres rurais. In: **Sustentabilidade e cidadania.** Porto Alegre, EMATER-RS, 1999.

SOUZA, William Kennedy do Amaral; CARDOSO MARTINS, Ana Lúcia. **Mulheres nos processos de existência, resistência e permanência nas Ciências Agrárias.** Relatório Final. IFRO, campus Colorado do Oeste, 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

TOLEDO, Víctor; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **Memória biocultural - a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** São Paulo: Expressão Popular. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. **Pesquisas apontam um aumento no número de mulheres em profissões como Medicina Veterinária e Agronomia.** Disponível em: <https://www.upf.br/FAMV/curso/agronomia/noticia/presenca-de-mulheres-fortalece-area-de-ciencias-agrarias-e-biologicas>. Acesso em 10 de abril de 2023.

Apêndice

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA - DOCENTES

Entrevistada

Data:

Curso:

Caracterização pessoal

1. Idade - _____
2. Você se considera () branca () preta () amarela () indígena () parda
3. Estado civil? () solteira () casada () divorciada () união consensual () viúva
4. Tem filhos / filhas? Quantos?

Trajetória Profissional

Você pode me dizer qual foi o curso que você fez? Qual o mestrado e doutorado?

Por que você escolheu essa profissão?

Você encontrou dificuldades por ter escolhido essa profissão?

E durante a sua formação na graduação, mestrado e doutorado mudaria alguma coisa na sua formação?

Sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher durante sua formação?

Deixou de receber alguma bolsa ou participar de algum projeto por ser

mulher? **Exercício Profissional e cargos de direção e chefia**

Você exerce ou exerceu alguma função ou cargo de chefia? Se sim, como foi essa experiência? Se não, por quê?

Lidera algum grupo de pesquisa? Caso sim, seus orientandos são em maioria mulheres ou homens?

Possui bolsa de pesquisa de produtividade ou gostaria de concorrer aos editais?

Você considera que as estudantes mulheres e os estudantes homens têm tido as mesmas oportunidades e/ou facilidades em desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão no curso de que você é tutora ou não?

Mulheres, Ciência e vida pessoal / familiar

Como é conciliar vida pessoal/ familiar com o trabalho como docente e cientista?

Já deixou de ir a algum compromisso profissional (viagem, congressos, bancas, dentre outros) por não conseguir conciliar trabalho com a família?

Está realizada com sua produção científica?

O que te motivou a optar por seguir este modo de trabalhar?



Como você percebe a inserção das mulheres no campo das ciências aqui no Campus Colorado do Oeste e no nosso estado?

Você acredita que para os homens docentes / cientistas que também são pais é mais fácil conciliar carreira profissional e vida pessoal/ familiar?

Interação com a comunidade acadêmica do Campus

Você já presenciou “brincadeiras” sexistas no ambiente de trabalho? Se sim, foi provocado por colegas ou estudantes do Campus? Como você lidou com isso?

Identificação de mecanismos institucionais para inclusão das mulheres nas atividades acadêmicas.

Você conhece alguma ação específica promovida pelo IFRO - Campus Colorado do Oeste ou no Estado de Rondônia para fortalecer a inclusão / participação das mulheres no Campus?

Caso existam, essas ações têm contribuído para a sua inserção?

Existe alguma atividade à qual você não consegue se integrar por ser mulher?

Mulheres e Ciências Agrárias

Você acha que existe desigualdade de gênero no campo das Ciências Agrárias? Se sim, o que você sugere para mudar essa realidade?

Você gostaria de acrescentar alguma outra informação?

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA - PRODUTORAS FORMADAS

Nº entrevista:

Entrevistada

Data: //

Curso:

Caracterização pessoal

1. Idade -

2. Você se considera () branca () preta () amarela () indígena () parda

3. Estado civil? () solteira () casada () divorciada () união consensual () viúva

4. Tem filhos / filhas? Quantos?

Trajetória Profissional

Você pode me dizer qual foi o curso que você fez? Qual o mestrado e doutorado?

Por que você escolheu essa profissão?

Você encontrou dificuldades por ter escolhido essa profissão?

E durante a sua formação na graduação, mestrado e doutorado mudaria alguma coisa na sua formação?

Sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher durante sua formação?

Deixou de receber alguma bolsa ou participar de algum projeto por ser

mulher? **Exercício Profissional e cargos de direção e chefia**

Você exerce ou exerceu alguma função ou cargo de chefia? Se sim, como foi essa experiência? Se não, por quê?

Lidera algum grupo de pesquisa? Caso sim, seus orientandos são em maioria mulheres ou homens?

Você considera que as estudantes mulheres e os estudantes homens têm tido as mesmas oportunidades e/ou facilidades em desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão no curso de que você é tutora ou não?

Mulheres, Ciência e vida pessoal / familiar

Como é conciliar vida pessoal/ familiar com o trabalho como produtora (viveirista, cafeicultora e cientista)?

Já deixou de ir a algum compromisso profissional (viagem, congressos, bancas, dentre outros) por não conseguir conciliar trabalho com a família?

Mesmo depois de ter terminado a graduação, mestrado e doutorado, você se considera uma pesquisadora?

Está realizada com seu trabalho/sua produção científica?

Como você percebe a inserção das mulheres no campo das ciências aqui em Rondônia?

O que te motivou a optar por seguir este modo de trabalhar?

Você acredita que para os produtores homens/ docentes/ cientistas que também são pais é mais fácil conciliar carreira profissional e vida pessoal/ familiar?

Interação com a sociedade

Você já presenciou “brincadeiras” sexistas no ambiente de trabalho? Se sim, foi provocado por colegas ou estudantes do Campus? Como você lidou com isso?

Identificação de mecanismos institucionais de empresas privadas, governamentais e até mesmo do 3 setor para inclusão das mulheres nas atividades agrícolas/acadêmicas.

Você conhece alguma ação específica promovida por Rondônia para fortalecer a inclusão / participação das mulheres no campo?

Caso existam, essas ações têm contribuído para a sua inserção?

Existe alguma atividade à qual você não consegue se integrar por ser mulher?

Mulheres e Ciências Agrárias

Você acha que existe desigualdade de gênero no campo das Ciências Agrárias? Se sim, o que você sugere para mudar essa realidade?

Você gostaria de acrescentar alguma outra informação?

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA - AGRICULTURAS

Nº entrevista: _____

Entrevistada _____ Data: ___/___/___

Curso: _____

Caracterização pessoal

1. Idade - _____
2. Você se considera () branca () preta () amarela () indígena () parda
3. Estado civil? () solteira () casada () divorciada () união consensual () viúva
4. Tem filhos / filhas? _____ Quantos? _____

Trajatória Profissional

Você pode me dizer qual é seu nível de escolaridade? Fez algum curso referente a produção no campo ou outros?

Qual é sua profissão?

Por que você escolheu essa profissão?

Você encontrou dificuldades por ter escolhido essa profissão?

Durante sua trajetória você mudaria alguma coisa?

Sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher e atuar no campo?

Deixou de receber orientações e visibilidade para participar de algum projeto (PAA, PNAE entre outros) por ser mulher?

Exercício Profissional e cargos de direção e chefia

Você exerce ou exerceu alguma função ou cargo de chefia? Se sim, como foi essa experiência? Se não, por quê?

Lidera algum grupo de associação? Caso sim, seus colegas são em maioria mulheres ou homens?

Você considera que as agricultoras mulheres e os agricultores homens têm tido as mesmas oportunidades e/ou facilidades em desenvolver atividades dentro da associação em que você participa?

Interação com a sociedade

Você já presenciou “brincadeiras” sexistas no ambiente de trabalho? Se sim, foi provocado por colegas ou estudantes do Campus? Como você lidou com isso?

Identificação de mecanismos institucionais de empresas privadas, governamentais e até mesmo do 3 setor para inclusão das mulheres nas atividades agrícolas/acadêmicas.

Você conhece alguma ação específica promovida por Rondônia para fortalecer a inclusão / participação das mulheres no campo?

Caso existam, essas ações têm contribuído para a sua inserção?

Existe alguma atividade à qual você não consegue se integrar por ser mulher?

Mulheres, Ciência e vida pessoal / familiar

Você se considera uma cientista?

Como é conciliar vida pessoal/ familiar com o trabalho de agricultura e pesquisadora?

Você gostaria de acrescentar alguma outra informação?

Já deixou de ir a algum compromisso profissional (viagem, congressos, bancas, dentre outros) por não conseguir conciliar trabalho com a família?